

Revista Transdisciplinar

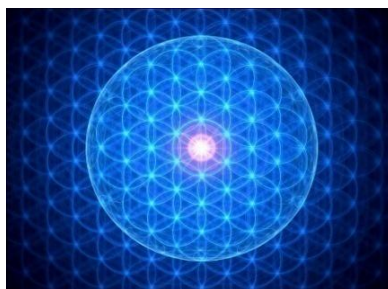
Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 15 - Ano 8 - Nº 15 – 1º semestre/2020
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org



2020
Salvador – Bahia – Brasil



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 15 - Ano 8 - Nº 15 – 1º semestre/2020

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

APRESENTAÇÃO

A Revista Transdisciplinar é um periódico *on-line* semestral, organizado por Celeste Carneiro, que tem como objetivo socializar o pensamento de autores que desejam expressar suas reflexões sobre os mais diversos temas inter-relacionados com o Ser Integral e sua interação com o mundo que o cerca. Busca a integração de saberes e perfis, valorizando o diálogo entre sabedoria e conhecimento, estimulando a liberdade expressiva e dando oportunidade ao exercício da beleza, quer através da articulação de temas, ideias e conceitos, quer através do estilo de apresentação dessas ideias e conceitos

Pautamos esta Revista no pensamento de Basarab Nicolescu e grupo que escreveu a Carta da Transdisciplinaridade (1994), onde esclarece:

A pluridisciplinaridade diz respeito ao estudo de um objeto de uma mesma e única disciplina por várias disciplinas ao mesmo tempo.

A interdisciplinaridade diz respeito à transferência de métodos de uma disciplina para outra.

A transdisciplinaridade, como o prefixo "trans" indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento.

Rigor, abertura e tolerância são as características fundamentais da visão transdisciplinar. O rigor da argumentação que leva em conta todos os dados é o agente protetor contra todos os possíveis desvios. A abertura pressupõe a aceitação do desconhecido, do inesperado e do imprevisível. A tolerância é o reconhecimento do direito a idéias e verdades diferentes das nossas.

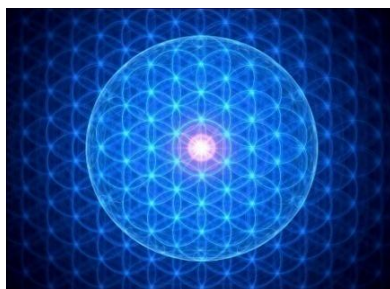
E no texto *Educação para o Séc. XXI*, do Relatório Delors (UNESCO, 2006):

Na visão transdisciplinar, há uma transrelação que conecta os quatro pilares do novo sistema de educação (aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser) e tem sua fonte na nossa própria constituição, enquanto seres humanos. Uma educação viável só pode ser uma educação integral do ser humano. Uma educação que é dirigida para a totalidade aberta do ser humano e não apenas para um de seus componentes.

Esperamos contribuir para a difusão do conhecimento com a sabedoria da abertura e da tolerância, aliada ao rigor que dá o ajuste necessário.

Como símbolo, trazemos a Flor da Vida, rico em mistérios estudados desde a mais antiga civilização e que encanta até os nossos dias. Lembra a conexão de todos com o Universo, a semente da vida, a relação do um com o todo, a gênese e o encadeamento dos genes, o que nos une e nos dá vida.

Os textos são de responsabilidade dos autores que deverão encaminhá-los para nossa apreciação já revisados.



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 15 - Ano 8 - Nº 15 – 1º semestre/2020

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

EQUIPE EDITORIAL

Criação, editoração e coordenação geral

Maria Celeste Carneiro dos Santos – Especialista em Arteterapia Junguiana - ASBART 0036/0906 e em Psicologia Transpessoal – ALUBRAT SEA2 030 (Instituto Junguiano da Bahia / Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública/ Instituto Hólon). Graduada em Desenho e Artes Plásticas (Faculdade de Belas Artes de São Paulo – FEBASP). Professora (2007 a 2016) e Supervisora no curso de pós-graduação em Arteterapia do IJBA. Foi coordenadora, professora e supervisora na pós-graduação em Arteterapia em Teresina – PI. Escritora e coautora. Membro dos Grupos de Pesquisas EFICAZ, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB e REUPE – Rede Universitária de Pesquisas em Espiritualidade, da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Membro do Colégio Internacional dos Terapeutas – CIT, da Associação Baiana de Arteterapia – ASBART e Conselheira de Honra da União Brasileira das Associações de Arteterapia – UBAAT. Currículo Lattes disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0119114800261879>

CONSELHO EDITORIAL

Dulciene Anjos de Andrade e Silva – Doutora em Educação (Universidade Federal da Bahia – UFBA). Mestre em Educação (UFBA). Graduada em Letras Vernáculas com Inglês (UFBA). Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, campus II. Currículo Lattes disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8015189418594078>.

Priscila Peixinho Fiorindo – Arteterapeuta ASBART 0129/0514. Doutora em Psicolinguística (Universidade de São Paulo - USP/SP). Mestre em Linguística (USP/SP). Graduada em Letras (Mackenzie/SP). Docente do Mestrado Profissional em Letras/PROFLETRAS da Universidade Estadual da Bahia (UNEB). Líder do Grupo de Pesquisa – Psicolinguística: perspectivas interdisciplinares/UNEB. Coordenadora do Projeto Contos estilizados e desenvolvimento cognitivo. Currículo Lattes disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4744418Z4>

Vanessa Di Cássia Fragosso – Arteterapeuta Junguiana – ASBART 0132/0215 – Terapeuta Holística EET: 0004-BA. Mestra em Tecnologias Educacionais e Tecnologias em Saúde (Universidade Estadual da Bahia - UNEB). Pedagoga com Orientação Educacional e Vocacional - Especialista em Metodologia do Ensino Superior e Práticas Lúdicas: Escolar e Organizacional - Licenciada com Certificações Internacionais para Resiliência de Jovens e Adultos e Gerenciamento de Stress. Pesquisadora sobre Resiliência e Habilidades Socioemocionais. Docência na Graduação e Pós-Graduação na área de Ciências da Saúde e Ciências Humanas e Coordenação de núcleos socioeducativos. Participa como Membro e Pesquisadora no Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Ludicidade – GPEL – Universidade Federal da Bahia – UFBA e como Coord. Pedagógica do PROAP – Programas de Estudos Aplicados em Administração e Políticas na Faculdade de Economia e Administração – FEA/UFBA. Dirige o Projeto Ateliê. Currículo Lattes disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0735288007250867>

Francesca Freitas – Graduada em Medicina pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública - EBMSM em 1981. Professora Assistente de Neuroanatomia (EBMSM, 1982 a 2012). Tutora do Departamento de Biomorfologia da EBMSM, 2005 a 2012. Coordenadora do Serviço de Neurofisiologia Clínica do Hospital São Rafael de 1992 a 1998. Atuação em Neurofisiologia Clínica – Eletroneuromiografia.

Sonia Maria Bufarah Tommasi – Doutora em Ciências da Religião. Mestre em Psicologia da Saúde. Especialização em Musicoterapia, em Psicologia Analítica e em Arteterapia. Psicóloga clínica e educacional. Docente em cursos de pós-graduação de Arteterapia, Psicologia Analítica, Psicossomática, Psicopedagogia, Gerontologia. Coordenadora do curso de Arteterapia Censupeg. Presidente fundadora da Oscip *Arte Sem Barreiras*. Presidente da Associação Catarinense de Arteterapia (ACAT). Membro do Conselho da UBAAT – União Brasileira das Associações de Arteterapia. Escritora. Organizadora dos livros da Vetor Editora: *Revisitando a Ética com Múltiplos Olhares*; *Arteterapeuta: um cuidador da psique*; *Pensando a Arteterapia com arte, ciência e religião*. Organizadora da coleção *Anima Mundi*, livros de Arteterapia, da Vetor Editora. Organizadora, em parceria com Graciela Ormezzano, do livro publicado pela Ed. Paulinas: *Envelhecendo com sabedoria*. Autora dos livros: *Arte Terapia e Loucura*, Vetor Editora; *Origami em Educação e Arteterapia*, em parceria com Luiza Minuzzo, Ed. Paulinas. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5010212588553393>

Marcus Welby Borges Oliveira – Doutorado (2008) e mestrado (2000) em Patologia Humana pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal da Bahia (1997). Experiência na área de Patologia, Biologia Celular e Imunologia, com ênfase em Imunopatologia, atuando principalmente na Imunopatologia da leishmaniose tegumentar murina. Professor Adjunto II do Departamento de Ciências da Biointeração da Universidade Federal da Bahia e integra o grupo de pesquisa do Laboratório de Virologia do Instituto de Ciências da Saúde (UFBA), onde iniciou uma colaboração em projetos nas áreas de imunologia e virologia humana e animal. Atualmente tem demonstrado particular interesse pelas áreas de Psiconeuroimunologia e Saúde e Espiritualidade, tendo desenvolvido eventos, projetos e estudos nessa área. Cofundador da REUPE – Rede Universitária de Pesquisas em Espiritualidade. Coordenador do Grupo de Trabalho em Saúde e Espiritualidade da REUPE e das sessões científicas desse grupo. Tem como outras áreas de interesse: Biologia Celular do Câncer e de Células-tronco Tumoriais. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9992514942111915>

Vitor Moura Cardoso e Silva Souza – Doutor em Geofísica Espacial (2015) pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). Bacharel em Física pela Universidade Federal da Bahia (2010), e Trabalhou como pesquisador assistente na NASA/Goddard Space Flight Center, EUA, por um ano durante o período de doutoramento. Atua na linha de pesquisa Magnetosfera-Heliosfera, focando nos seguintes temas: estudo da reconexão magnética na magnetopausa terrestre utilizando observações *in situ* e simulações numéricas, cinturões de radiação Van Allen e fenômenos físicos associados à plasmas espaciais. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8026732855379621>

Pedro Teixeira da Mota – Licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa (Portugal). Investigador da Tradição Perene ou da Espiritualidade Universal. Conferencista em vários países e sobre diversos temas. Viveu dois anos e meio na Índia. Foi professor de Yoga, e tem trabalhado como especialista do livro antigo. Dinamizador espiritual. Publicou quatro livros de inéditos de Fernando Pessoa, comentados: *Moral, Regras de Vida e Condições de Iniciação*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1988; *A Grande Alma Portuguesa*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1988; *A Rosea Cruz*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1989; *Poesia Profética, Mágica e Espiritual*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1989. Em 1998, o *Livro dos Descobrimientos do Oriente e do Ocidente*. Em 2006, a tradução comentada do texto sânscrito *AstavakraGita, o Cântico da Consciência Suprema*. Em 2008 a tradução

(com Álvaro Pereira Mendes), e comentando-a, do *Modo de Orar a Deus*, de Erasmo de Roterdão. E em 2015 um livro de trinta e três ensaios, “*Da Alma ao Espírito*”, Publicações Maitreya.

Gildemar Carneiro dos Santos – Doutor em Física, na área de sólitons, pela Universidade de Nagoya – Japão (1990). Mestre em Física pela Universidade de Nagoya – Japão (1986). Mestre em Física pela Universidade de São Paulo (1982). Bacharel em Física pela Universidade de São Paulo (1979). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal da Bahia. Tem experiência na área de Física, com ênfase em Métodos Matemáticos da Física, atuando principalmente nos seguintes temas: álgebras bidimensionais, equações diferenciais não lineares associadas a sólitons. Músico nas horas vagas, coordena a orquestra de amadores Ateneu Musical. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9800581085946445>

Ingrid Estefania Mancía de Gutiérrez – Doutora e Mestre em Biotecnologia com ênfase em Recursos Naturais da Região Nordeste pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Graduação em Farmácia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Especialista em Gestão da Inovação Tecnológica pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Atualmente é membro da Comissão de Fitoterapia (COMFITO) do Conselho Regional de Farmácia (CRF) da Bahia e docente do Curso de Farmácia do Departamento de Saúde da UEFS, lecionando a disciplina Farmacognosia. Coordenadora do Programa Terapias não-Convencionais (TnC) e Você: um projeto de ensino e extensão em terapias complementares e integrativas da UEFS. Tem experiência na área de Farmacognosia e Prospecção Tecnológica, com ênfase no marco regulatório em Fitoterápicos, atuando principalmente nos seguintes temas: regulamentação de fitoterápicos, controle de qualidade de matéria-prima vegetal, técnicas cromatográficas, cultivo *in vitro* de lenhosas medicinais, patentes, práticas integrativas e complementares em saúde. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5002607120452691>

Lucielen Porfirio – Professora Doutora em Linguística – UFBA, DLG - Departamento de Letras Germânicas – UFBA. Doutorado em Linguística pela Universidade Federal da Bahia – UFBA – programa DINTER – UFBA/ UNIOESTE (2013). Mestrado em Letras - Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2006). Graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (2000) e também graduação em Letras pela Universidade Pan Americana (2009). Atualmente atua como professora Adjunto 1 na Universidade Federal da Bahia - Departamento de Letras Germânicas. Desenvolve projetos de pesquisa na área de ensino-aprendizagem de língua estrangeira, formação de professores e Inglês como Língua Franca. Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4716299Y1>

Glícia Conceição Manso Paganotto – Possui mestrado em programa de pós-graduação em educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (2010), graduação em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (2000) e graduação em Estudos Sociais pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (1979). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Arteterapia, atuando principalmente nos seguintes temas: arteterapia, criatividade, linguagem visual, autoconhecimento, educação emocional e saúde mental. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6024542661274908>

Román Gonzalvo – Psicólogo transpessoal e doutor em psicologia pela *Universidad Autónoma de Madrid* (Espanha). Fundador do *Journal of Transpersonal Research* e da *Asociación Transpersonal Iberoamericana*. Desde 2006 tem trabalhado e investigado enfermos terminais, ajudando-os a morrer em paz e com boa qualidade de vida. Também trabalha os processos de aprendizagem e transformação interior produzidos nesta última etapa da vida. Suas investigações ocorrem no México, Índia, Papua, Nova Guiné, Zimbábue e Kenia, além do seu labor na Espanha. É professor de psicoterapia transpessoal no *Máster en Psicoterapia del Bienestar Emocional del Instituto Superior de Estudios Psicológicos*

(ISEP) de Barcelona e no *Máster en Mindfulness de la Universidad de Zaragoza*. Organiza anualmente as Jornadas de Psicología Transpessoal e Espiritualidade, em Tudela (Navarra). Seus interesses profissionais convergem com seus interesses pessoais: contribuir na criação de um sistema social mais empático, compassivo e altruísta, favorecendo um nível de consciência coletiva que transcenda a limitada identidade egoica individual, e cujo motor seja o amor por tudo o que existe.

Norma de Oliveira Alves – Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Sergipe cujo tema da Dissertação foi Associação entre Depressão e Síndrome Coronariana Aguda e Prognóstico Intra-hospitalar. Médica Psiquiatra e Psicanalista transpessoal. Graduada em Medicina pela Universidade Federal de Sergipe (1986). Foi diretora Científica da Associação Sergipana de Psiquiatria, vice-presidente da Associação Sergipana de Psiquiatria e membro do Projeto Freudiano de Aracaju. É membro da Associação Brasileira de Psiquiatria; Membro Fundador da Associação Brasileira de Medicina psicossomática – Regional Aracaju; Fundadora e Diretora Presidente de Athenas – Instituto de Educação e Saúde Integral; Escritora e co-autora. Escreveu os livros: *Psicanálise Transpessoal e Terapia de Vivências Passadas*; *Associação entre Depressão e Síndrome Coronariana Aguda – Impacto no Prognóstico Intra-hospitalar*; *Transtornos Mentais sob um Novo Prisma*. É Conferencista em eventos científicos e comunitários. Coordena os cursos de Especialização em Psicologia Transpessoal e Pós-graduação em Terapia Regressiva por ATHENAS – Instituto de Educação em parceria com a FACEI – Faculdade Einstein. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0042503228810827>

Aurino Lima Ferreira – Doutorado em Educação (Conceito CAPES 5), Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Brasil (2007). Mestrado em Psicologia Cognitiva (Conceito CAPES 4), Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, (1999). Graduação em Psicologia, Faculdade Frassinetti do Recife, FAFIRE, (1993). Professor Adjunto da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE – (Departamento de Psicologia e Orientação Educacionais). Desenvolve atividades de extensão e pesquisa no Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis (NEIMFA), comunidade do Coque, Recife, PE. Pesquisador e Professor do Núcleo Educação e Espiritualidade do Programa de Pós-graduação em Educação da UFPE. Tem experiência na área de Educação e Psicologia, atuando principalmente nos seguintes temas: Psicologia Transpessoal, Positiva e Integral, Psicologia social/comunitária, Educação não-formal, Dinâmica de Grupo, Relações Interpessoais, Fenomenologia (Merleau-Ponty), Sexualidade, Resiliência, Espiritualidade Integral (Ken Wilber), Processos afetivos e interativos na educação, Intervenções psicossociais, Psicologia do Desenvolvimento (infância e adolescência). Escritor e coautor. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5402096659543875>

Vera Peceguini Saldanha – Doutora em Psicologia Transpessoal pela Faculdade de Educação da UNICAMP, linha de pesquisa Psicologia Genética, Psicodrama e Psicologia Transpessoal. Psicóloga clínica com mais de 30 anos de experiência. Presidente da Associação Luso Brasileira de Transpessoal, ministra cursos no Brasil e no Exterior. Palestrante e autora de livros e publicações na área da Psicologia Transpessoal. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1016093168342110>

Ivana Braga de Freitas – Pedagoga (UNEB); Psicopedagoga (UNEB); especialista em Neuropsicologia (IBPEX/UNINTER); autora do livro *Transtornos e Dificuldades de Aprendizagem*, ed. WAK, 2011; diretora cultural da ABPp_BA 2014/16; tutora Cogmed; professora de cursos de pós graduação em psicopedagogia; palestrante e formadora de educadores. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5427495900253997>

Margarete Barbosa Nicolosi Soares – Doutora em Artes pela Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo, com pesquisa sobre Aquecimento: um processo na prática de linguagens visuais em ateliê. Realizou Pesquisa de Doutorado Sanduiche no Exterior, junto à Faculdade de Belas Artes, da Universidade do Porto. Mestre em Artes pela

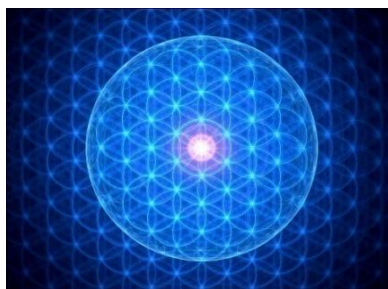
ECA, USP. Licenciada em Educação Artística, com Habilitação em Artes Plásticas pela ECA, USP. Pesquisadora do Projeto de Pesquisa Ateliê de Artes para Crianças, no CAP/ECA/USP, desde 2008. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Palavra e Imagem: a incorporação de códigos da escrita em trabalhos de artes visuais, no CAP/ECA/USP, desde 2010. Docente na Licenciatura em Artes Visuais, Pedagogia e Pós-Graduação em Artes Visuais na Universidade Metropolitana de Santos, UNIMES. Foi docente conferencista no Departamento de Artes Plásticas da ECA, USP e docente na Universidade Camilo Castelo Branco. Autora de capítulos de livros e artigos sobre arte e educação. Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4204217D7>.

Luis Lacouture González – Médico cirurgião (Universidad de Concepción – Chile). Psiquiatra de adultos (Universidad de Chile – Santiago de Chile). Médico Geral no Hospital de Calama, II região, Chile. Médico psiquiatra no Serviço de Psiquiatria do Hospital Regional de Antofagasta – II região, Chile. Professor de Psiquiatria na Universidad de Antofagasta. Atualmente trabalha de forma independente no extrasistema, na cidade de Antofagasta – Chile.

Cristina Lopes – Psicóloga, Arteterapeuta, Mestre em Criatividade pela Universidade Fernando Pessoa – PT. Treinadora de SoulCollage® e terapeuta Floral. Coordena o curso de Pós-graduação em Arteterapia, desde o ano 2004. Faz parte do grupo TRAÇOS - Estudos em Arteterapia. Atual Presidente do Conselho Diretor da UBAAT. Publicou livros abordando a temática da arteterapia como também escreveu artigos relacionados ao tema. Frequentemente participa de Congressos nacionais e internacionais. Sua principal linha de pesquisa é a relação entre arte e saúde.

Maria Suzana Moura – Doutora em Administração Pública pela Universidade Federal da Bahia, local onde atua como professora associada e pesquisadora desde 1994. Tem se dedicado nos últimos anos ao tema das Metodologias Integrativas para a Educação e a Gestão Social. Recentemente concluiu a pesquisa de pós doc sobre o Escutar Consciente como competência para a Gestão, realizada com Valeria Giannella, da UFSBA e Eduardo Davel, da UFBA. Formação complementar na DEP (Dinâmica Energética do Psiquismo), na RYE (Rede de Pesquisadores sobre Técnicas de Yoga para a Educação) e na Rede Dragon Dreaming - Criação Colaborativa de Projetos. Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4789454J1>

Lívia Maria Costa Sousa – Mestre em Literatura e Cultura pelo programa de pós-graduação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB (2014), graduanda em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia e professora de Literatura brasileira e africana. Coordenadora editorial da LEAL Editora e membro do conselho editorial da Revista vinculada a essa editora. Possui experiência com edição, revisão e diagramação de livros e revistas. É escritora e tem alguns de seus textos publicados em antologias. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1126574918629874>



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 15 - Ano 8 - Nº 15 – 1º semestre/2020

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

PARA PUBLICAR

A Revista Transdisciplinar é um periódico semestral, organizado por Celeste Carneiro, que tem como objetivo socializar o pensamento de autores que desejam expressar suas reflexões sobre os mais diversos temas interrelacionados com o Ser Integral e sua interação com o mundo que o cerca. Busca a integração de saberes e perfis, valorizando o diálogo entre sabedoria e conhecimento, estimulando a liberdade expressiva e dando oportunidade ao exercício da beleza, quer através da articulação de temas, ideias e conceitos, quer através do estilo de apresentação dessas ideias e conceitos, seguindo os parâmetros expressos na Apresentação.

A Revista Transdisciplinar será publicada no primeiro e no segundo semestre de cada ano e os artigos deverão ser enviados com até dois meses de antecedência do semestre a ser publicado.

Os artigos serão avaliados, por ordem de recebimento, por dois membros do Conselho Editorial. Caso haja divergência quanto à aprovação dos mesmos, um terceiro parecer de outro membro do Conselho Editorial será solicitado.

Os textos poderão ter o formato acadêmico ou serem escritos de forma mais livre, desde que em linguagem clara e de acordo com os padrões normativos da Língua Portuguesa. Devem procurar coerência com a proposta da Revista Transdisciplinar.

Se o autor escolher escrever de acordo com as normas acadêmicas, deverá fazê-lo em conformidade com os padrões da ABNT, com resumo, problemática anunciada e desenvolvida, objetivos, metodologia, conclusões e referências. Nas referências, deverão constar apenas as obras citadas no texto.

Os textos que seguirem uma forma mais livre (ou seja, por um estilo que não priorize o rigor acadêmico, podendo valer-se ou não da poesia, mas que também possibilite a exposição do pensamento com fluidez, clareza, coerência e consistência), se fizerem uso de citações diretas ou indiretas, devem também listar essas referências ao final, de acordo com as normas da ABNT. Entretanto, caso o autor queira também indicar livros e sites que não fazem parte do texto, mas que são complementares a ele, pode fazê-lo anunciando após as referências o item “*Para saber mais*”.

Os artigos não precisam ser inéditos, desde que seja explicitada a fonte original de sua publicação. Preferencialmente os artigos estarão no idioma Português, mas eventualmente outros idiomas poderão ser aceitos.

Cada artigo deverá ter, no máximo, 20 páginas (incluídas as notas de pé de página e as referências) e deverá ser escrito em fonte Arial, tamanho 10, seguindo um espaçamento de 1,5 cm e obedecendo as margens superior e inferior de 2,5cm, esquerda e direita 3,0cm. Deve constar um minicurrículo com até 60 palavras e, caso deseje, um e-mail ou telefone para contato.

Os artigos deverão ser encaminhados já revisados.



Revista Transdisciplinar
 Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 15 - Ano 8 - Nº 15 – 1º semestre/2020
<http://revistatransdisciplinar.com.br/> - ISSN 2317-8612
www.artezen.org

CONTATO

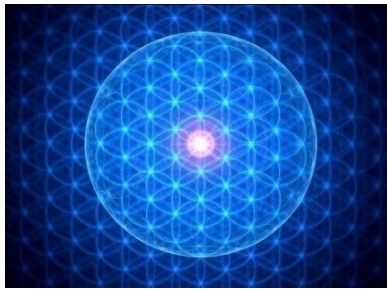
Endereço postal da Revista:

Celeste Carneiro
 CINDEP – Centro Integrado de Desenvolvimento Pessoal
 Centro Odonto Médico Henri Dunant
 Rua Agnelo Brito, 187 sala 107 – Federação
 CEP 40210-245 – Salvador – Bahia – Brasil



CONTATO PRINCIPAL

Celeste Carneiro
 Telefone: 71 - 98874-1155 (Tim)
cel5zen@gmail.com
www.artezen.org
 ou gildemar@ufba.br



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 15 - Ano 8 - Nº 15 – 1º semestre/2020

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

REVISTA TRANSDISCIPLINAR

Vol. 15 - Ano 8 - Nº 15 – 1º semestre/2020

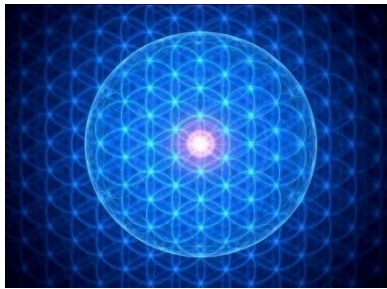
ISSN 2317-8612

ÍNDICE

- | | |
|---|--------------|
| <p>1 – DO EROS AO ÁGAPE: AMOR SEXUAL E TRANSCENDÊNCIA EM ROLLO MAY
FROM EROS TO AGAPE: SEXUAL LOVE AND TRANSCENDENCE
IN ROLLO MAY
Hidemberg Alves da Frota</p> | <p>p. 11</p> |
| <p>2 – O PREÇO DO SORRISO
João Neto</p> | <p>p. 26</p> |
| <p>3 – O VASO QUEBRADO – Uma simbologia profunda do corpo e do espírito
Sílvia Helena Cardoso</p> | <p>p. 30</p> |
| <p>4 – DAS HARMONIAS POTENCIAIS DAS IMAGENS E OBJECTOS, CASAS, LOCAIS E SERES
Pedro Teixeira da Mota</p> | <p>p. 32</p> |
| <p>5 – CONGRESSO INTERNACIONAL FELICIDADE E ESPIRITUALIDADE: DESAFIOS E VALORES DO SÉCULO XXI – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES
(Goiás-GO, outubro de 2019)
Dalila Lubiana</p> | <p>p. 39</p> |
| <p>6 – PORQUE DOBRO ORIGÂMI
Dalila Lubiana</p> | <p>p. 48</p> |
| <p>7 – FOTOGRAFIA
Rosana Almeida</p> | <p>p. 51</p> |
| <p>8 – DOR
Elisangela Andrade</p> | <p>p. 52</p> |
| <p>9 – HAIM
Peri Brandão</p> | <p>p. 54</p> |
| <p>10 – ABRAÇO DO AMADO
São João da Cruz</p> | <p>p. 56</p> |

Capa: *As linhas ley e os centros de poder do planeta Terra*

Do blog *A Luz é Invencível*. <https://portal2013br.wordpress.com/2015/04/05/as-linhas-ley-e-os-centros-de-poder-do-planeta-terra/>



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 15 - Ano 8 - Nº 15 – 1º semestre/2020

ISSN 2317-8612

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

www.artezen.org

1– DO EROS AO ÁGAPE: AMOR SEXUAL E TRANSCENDÊNCIA EM ROLLO MAY¹

FROM EROS TO AGAPE: SEXUAL LOVE AND TRANSCENDENCE IN ROLLO MAY

Hidemberg Alves da Frota*

RESUMO

O presente artigo científico se propõe a resgatar para a comunidade acadêmica de língua portuguesa a contribuição do teólogo, psicanalista e psicólogo Rollo Reece May (1909-1994) à Psicologia Existencial, quanto ao debate em torno da interface entre amor e sexo sob o ângulo da autorrealização do ser. Debruça-se sobre o entendimento de May de que o amor sexual maduro propicia o êxtase amoroso como ápice da criatividade humana e da união entre duas pessoas, em que as identidades de ambos se fundem e, após, cada identidade é fortalecida pelo efeito dessa fusão momentânea e se produz um efeito transformador nos parceiros, sob a óptica do desenvolvimento pessoal, por intermédio do exercício constante da doação e da entrega, do erotismo matizado com a empatia e a compaixão. Versa-se também sobre as críticas do renomado terapeuta existencial à mentalidade e tendência comportamental nos Estados Unidos do século XX de separar a vivência amorosa da experiência sexual, distanciar a prática sexual da vida íntima e separar as esferas da sexualidade e dos valores pessoais e morais. Ao mesmo tempo, estabelece-se o diálogo de May com outros expoentes do movimento humanista e existencial nas Ciências Psicológicas e com obras de destaque na literatura brasileira de temáticas espirituais, notadamente as que concernem à Psicologia Espírita de Joanna de Ângelis.

Palavras-chave: Rollo May; sexo amadurecido; êxtase amoroso, relacionamentos de transcendência; sexo impessoal e dessensibilizado; Psicologia Existencial; espiritualidade; Joanna de Ângelis.

ABSTRACT

This article proposes to revive in the Portuguese-speaking academic community the contributions of the theologian, psychoanalyst and psychologist Rollo Reece May (1909-1994) to Existential Psychology, with respect to the debate revolving around the interface between love and sex from the standpoint of one's self-realization. It analyzes May's idea that mature sexual love leads to

¹ Artigo escrito em 2019, uma homenagem ao aniversário, no referido ano, de 110 anos de nascimento de Rollo May. Registro minha gratidão à minha ex-esposa, Fernanda Leite Bião, por haver semeado em mim o campo de abertura para o plural universo do humanismo, do existencialismo e da fenomenologia na seara das Psicologias e no plano da (con)vivência.

* **Hidemberg Alves da Frota** – Agente Técnico-Jurídico do Ministério Público do Estado do Amazonas. Pós-Graduado (Especialista) em Direito Público: Direito Constitucional e Direito Administrativo pelo Centro Universitário de Ensino Superior do Amazonas (CIESA). Pós-Graduado (Especialista) em Direito Tributário pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Pós-Graduado (Especialista) em Psicologia Existencial, Humanista e Fenomenológica pela Faculdade Dom Alberto (FAD). alvesdafrota@gmail.com

romantic ecstasy as the apex of human creativity and the union between to people whereby the identities of both of these people merge and their individual identity is strengthened. This produces in them a transformational effect, from a personal development perspective, through constant giving and sharing, through eroticism imbued with empathy and with compassion. The article discusses also May's criticism of the mentality and tendency seen in the 20th- century United States towards the separation of love and sex, the division of sex and intimacy, and the schism between sexuality and personal and moral values. At the same time, a dialogue is established between May and other exponents of the humanist and existential movement in the Psychological Sciences, and with prominent works in the Brazilian literature of spiritual themes, especially those concerning Joanna de Ângelis Spiritist Psychology.

Keywords: Rollo May; matured sex; romantic ecstasy, relationships of transcendence; impersonal and desensitized sex, Existential Psychology; spirituality; Joanna de Ângelis.

INTRODUÇÃO

Este artigo de revisão bibliográfica resgata para a comunidade de língua portuguesa e sistematiza as reflexões do teólogo, psicanalista e psicólogo estadunidense Rollo Reece May (1909-1994) em torno da interface entre amor e sexo, sob o ângulo da autorrealização do ser.

Mapeiam-se e se analisam em conjunto as obras do referido terapeuta existencial norte-americano, originalmente publicadas do final dos anos 1930 ao início da década de 1990, identificando-se pontos de convergência entre seus escritos, bem como os aspectos fundamentais e a evolução do seu pensamento no decurso dos anos de atividade clínica e produção intelectual.

Também se busca firmar pontes de diálogo de May com outros expoentes notáveis do caleidoscópico movimento humanista e existencial nas Ciências Psicológicas e, ao mesmo tempo, com obras de destaque na literatura brasileira de temáticas espirituais, notadamente as que concernem à Psicologia Espírita de Joanna de Ângelis.

1. BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA PSICOLOGIA EXISTENCIAL DE MATRIZ ESTADUNIDENSE

May é considerado, na literatura de língua inglesa especializada em temáticas psicológicas, o fundador da escola americana da Psicologia Existencial, tal qual Carl Ransom Rogers (1902-1987) é tido como o patrono da Psicologia Humanista e do movimento humanista em Psicologia (SHAPIRO, 2016, p. 31).

O ramo norte-americano da Psicologia Existencial, de abordagem existencial-humanista, nos quais se destacam, após a geração pioneira de May, James Frederick Thomas Bugental (1915-2008), Irvin David Yalom (1931-) e Kirk J. Schneider (1956-) – os três tiveram a sua formação influenciada por May, não apenas pela sua produção intelectual como também pela convivência e vínculo de amizade –, centra o seu foco na ansiedade diante da moralidade, da liberdade, da responsabilidade, do isolamento e da ausência de sentido (BUGENTAL, 1995, p. 102-105; DEURZEN; ADAMS, 2016, p. 16-20; SCHNEIDER, 1995, p. xvii-xix; SERLIN, 1994, p. 268-274; SHAPIRO, 2016, p. 27, 30-36; TEIXEIRA, 2006, p. 300).

A Psicologia Existencial de matriz norte-americana não se confunde com a Psicologia Fenomenológico-Existencial, de raiz europeia, a qual, embora também se proponha a dialogar com o pensamento filosófico de Martin Heidegger (1889-1976), Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855) e Jean-Paul Charles Aymard Sartre (1905-1980), distingue-se, em essência, daquela e das demais abordagens de cunho existencial e/ou humanista, (1) por se desvincular “de qualquer pretensão de manter a ideia de uma interioridade e de potencialidade”, (2) dissociada “das pressuposições de uma subjetividade determinada espaço-temporalmente e, portanto, substancializada”, (3) desatrelada da “noção encapsulada do eu, dado o seu caráter de indeterminação, que faz com que possa assumir diversas possibilidades de ser disponíveis no mundo”, e (4) a “caracterizar a existência como desespero, angústia e liberdade”, tendo-se

em conta (5) “o sentido fático e lançado em que a existência sempre se encontra” (FEIJOO; MATTAR, 2016, p. 270, 272).

Na Psicologia Fenomenológico-Existencial, de largo desenvolvimento na Europa continental, despontam Ludwig Binswanger (1881-1966), Eugène Minkowski (1885-1972), Medard Boss (1903-1990) e Viktor Emil Klemens Franz Freiherr von Gebattel (1883-1976) (DEURZEN; ADAMS, 2016, p. 16-20; FEIJOO; MATTAR, 2016, p. 270; SHAPIRO, 2016, p. 27).

Em que pese a distinção contemporânea entre a feição americana da Psicologia Existencial e a Psicologia Fenomenológico-Existencial, May, Ernest Angel e Henri F. Ellenberger dedicaram a antologia *Existence: A New Dimension in Psychiatry and Psychology*, de 1958, a Minkowski e Binswanger, que participaram de tal obra colegiada com ensaios traduzidos para a língua inglesa, a qual representa divisor de águas na literatura anglófona de Psicologia, pelo pioneirismo de demarcar constructos teóricos que distinguem a psicoterapia existencial do paradigma psicanalítico (DEURZEN; ADAMS, 2016, p. 17; SHAPIRO, 2016, p. 32).

Na obra póstuma, *The Psychology of Existence: An Integrative, Clinical Perspective*, publicada em 1995, May, juntamente com Schneider (continuou a organização da obra colegiada após May adoecer, no inverno de 1992), almejando romper a polarização entre o Humanismo Existencialista e a Psicanálise Existencial, propõem a Psicologia Existencial Integrativa como uma confluência de disciplinas artísticas, filosóficas e clínicas que empregam o método fenomenológico para compreender a existência humana (SCHNEIDER, 1995, p. 1-8).

Na atualidade, a Psicologia Existencial norte-americana é mais conhecida, nos Estados Unidos, como Psicologia Existencial-Humanista, por influência do pensamento de Bugental, ao mesmo tempo que Schneider continua a se sobressair na divulgação, atuação profissional e produção intelectual na vertente da Psicologia Existencial Integrativa (HOFFMAN; SERLIN; RUBIN, 2019, p. 235, 243).

Sobre os ciclos pelos quais atravessou a escola americana da Psicologia Existencial, os atuais desdobramentos da Psicologia Existencial Integrativa e o estado contemporâneo do movimento existencial-

humanista de forma geral, confira-se o ensaio *The History of Existential – Humanistic and Existential – Integrative Therapy*, escrito por Hoffman, Serlin e Rubin, que corresponde ao Capítulo 13 da obra colegiada *The Wiley World Handbook of Existential Therapy*, publicada nos EUA no final do 1.º semestre de 2019 (HOFFMAN; SERLIN; RUBIN, 2019, p. 235).

2. AS DIMENSÕES FISIOLÓGICA E TRANSCENDENTAL DO ATO SEXUAL

Em “Liberdade e Destino”, obra publicada originalmente em 1981, sob o título *Freedom and Destiny*, May dedica o oitavo capítulo à indagação: “Sexo sem intimidade é liberdade?” (MAY, 1987, p. 185).

May destaca que, do ponto fisiológico, o ato sexual em que dois corpos se fundem consiste no mais íntimo de todos os relacionamentos humanos, uma vez que essa expressão da sexualidade significa unir as partes físicas mais sensíveis de cada pessoa em um nível de intimidade superior ao que se experimenta com qualquer outra parte do corpo humano, de tal maneira que o sexo consubstancia, nesse contexto, o caminho supremo por meio do qual o ser humano se torna parte de outrem, a ponto de o(a) parceiro(a) sentir a pulsação do coração da outra pessoa como se estivesse sentindo o pulsar do seu próprio coração (MAY, 1987, p. 189).

Essa dimensão fisiológica se conjuga com a dimensão transcendental, invocada por May, quase trinta anos antes de publicar “Liberdade e Destino”, isto é, em 1953, na obra “O Homem à Procura de Si Mesmo” (*Man’s Search for Himself*), em que acentuara o potencial de a experiência sexual deflagrar *êxtase amoroso* que, tão intenso quanto o *êxtase criativo*, proporcionaria o ápice da realização do *Self* nas circunstâncias em que o casal transcenderia, temporariamente, a barreira entre as suas identidades, dando-se e se encontrando no mesmo instante (MAY, 2011, p. 225-226).

3. ÊXTASE NO AMOR SEXUAL E TRANSCENDÊNCIA

Essas descrições do *êxtase* no amor sexual são coerentes com a definição geral de *êxtase* dada por May em “A Coragem de Criar” (*The Courage to Create*, obra originalmente publicada em 1975), ao defini-

lo como “o estado no qual a dicotomia entre a experiência subjetiva e a realidade objetiva é superada” (MAY, 1982, p. 93).

Dez anos depois de “A Coragem de Criar”, em 1985, em “Minha Busca da Beleza” (*My Quest for Beauty*), May afirmaria que o êxtase é *autotranscendente*, porque “dá à pessoa a experiência de ir além, ou de absorver o eu velho, e um eu novo, ou, mais exatamente, um eu ampliado toma o lugar do eu velho” (MAY, 1992, p. 203).

Ainda em “A Coragem de Criar”, May considera o ato sexual como um processo importante de *conhecimento recíproco*, em que duas pessoas, durante o intercurso sexual, encontram-se uma com a outra para depois se afastarem parcialmente e, em seguida, encontrarem-se mais uma vez, “experimentando todos os aspectos do conhecimento e do não conhecimento, para de novo se conhecerem”, isto é, o “homem se une à mulher e a mulher ao homem, e o afastamento parcial se efetua através da experiência de satisfação mútua”, em uma “experiência repetida de encontro e reencontro”, que constitui “a intimidade suprema de dois seres no encontro mais rico e mais completo” e “a mais alta forma de criatividade, no sentido de que pode gerar um novo ser” (MAY, 1982, p. 87-88).

Dezesseis anos antes, em 1969, em “Amor e Vontade: Eros e Repressão” (*Love and Will*), May se antecipava ao que escreveria nos anos 1970 e 1980, ao então já divisar o êxtase amoroso como uma conexão arrebatadora não apenas entre os parceiros, mas também entre o casal e a natureza em um sentido *cósmico*, em que se vivencia uma *consciência expandida* para além do eu (a consciência de si próprio cede passo a uma consciência maior), ou seja, no clímax da conjunção sexual, se fruto de um ato amoroso, a sensação de isolamento e separação pode desaparecer, em um breve intervalo de tempo, “apagada por um sentimento de *união cósmica* com a natureza”, como “parte normal da momentânea perda da consciência de si mesmo e do aparecimento de um súbito consciente, que inclui a terra” (MAY, 1992, p. 351, grifos nossos).

Nesse aspecto, May se aproxima de Frankl, no ensaio do ano de 1984 intitulado *Logotherapy in a Nutshell* (traduzido no Brasil como “Conceitos Fundamentais da Logoterapia”), para quem “o sexo é um meio de expressar a experiência daquela união

última chamada de amor” (FRANKL, 2014, p. 136, grifo nosso).

Na literatura espírita, atribui-se ao espírito André Luiz, em psicografia ditada aos médiuns mineiros, Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, a compreensão de que, no atual estágio de evolução da humanidade, o relacionamento afetivo-sexual monogâmico entre pessoas afins constitui o meio pelo qual o instinto sexual alcança a “alegria *completa*”, a ocasionar a “compensação de força igual, na escala das vibrações magnéticas” (ANDRÉ LUIZ, 2015, p. 146, grifo nosso).

Ressalta-se que o relacionamento afetivo sexual monogâmico baseado em laços de afinidade consiste no ambiente em que se realiza “a *união ideal* do raciocínio e do sentimento”, por meio da “*perfeita associação* dos recursos ativos e passivos”, ante a “constituição do binário de forças”, por intermédio das quais vêm à tona “não apenas formas físicas para a encarnação de outras almas na Terra”, como também “as grandes obras do coração e da inteligência” (ANDRÉ LUIZ, 2015, p. 146, grifos nossos).

4. IDENTIDADE PESSOAL E RELACIONAMENTOS DE TRANSCENDÊNCIA

Paradoxalmente, esse mesmo ato amoroso e sexual que suplanta, em um átimo, o sentido de identidade individual pode, no longo prazo, “proporcionar um caminho sólido e significativo ao sentimento de *identidade pessoal*”, exemplificado pela renovada vitalidade oriunda do ato sexual amoroso, quando do enlace sexual surge “um novo campo de força magnética, um novo ser”, em referência não só à descendência biológica do casal, como também ao “nascimento de um outro aspecto da *própria* pessoa” (MAY, 1992, p. 348-349, grifos nossos).

Tais reflexões de May igualmente recordam o que seria posteriormente pontuado no livro-texto intitulado *Existential Counselling & Psychotherapy in Practice*, escrito por Emmy van Deurzen (primeira edição de 1988, atualmente na terceira edição, de 2012), pioneira na difusão da Psicologia Existencial no Reino Unido (DEURZEN; ADAMS, 2016, p. 19), considerada, na atualidade, uma expoente da escola britânica da terapia existencial (SHAPIRO, 2016, p. 27; TEIXEIRA, 2006, p. 301).

Deurzen enxerga nessa espécie de vivência sexual, cujo cume é o êxtase sexual, em que desponta “um sentimento puro de pertencimento a um mundo absoluto e superior”, uma manifestação da dimensão espiritual, imanente aos denominados *relacionamentos de transcendência*, nos quais o grau de união e de entrega entre o casal faz com que suas individualidades se fundam em prol do surgimento de um ente maior que o mero somatório de suas individualidades, ultrapassando-se a esfera da realidade concreta humana (DEURZEN, 2012, p. 213, tradução livre nossa).

Segundo a referida autora, também caracterizam relacionamentos afetivo-sexuais de transcendência aqueles assinalados pelo elevado engajamento entre os parceiros, nos quais se encontra consolidado o *senso de pertencimento* entre o casal e cada um deles se sente uma pessoa em dois corpos, sem que um escravize o outro, muitas vezes motivados e unidos por um projeto existencial comum, altamente acalentado por ambos, em prol do qual cada um estaria disposto a cessar sua existência, se assim fosse necessário, a exemplo da procriação e da criação da prole (DEURZEN, 2012, p. 213).

Nesse passo, volvendo-se ao pensamento de May, para que a relação entre o casal ocorra em um relacionamento entre pessoas, e não entre pessoa e objeto, não se escravizar nem escravizar o outro importa acolher a si próprio e a outrem tal *como são*, sem que nenhum tenha de se remodelar para que seja aceito pelo outro:

Se eu insisto para que outra pessoa ajuste-se a mim próprio, não a estarei tomando como pessoa, como *Dasein*¹, mas como próprio instrumento; e, mesmo que eu me ajuste a mim próprio, estarei usando a mim mesmo como objeto. O indivíduo não pode jamais falar com exatidão de seres humanos como “objetos sexuais”. No momento em que a pessoa é um objeto sexual, você não estará mais falando de uma pessoa². (MAY, 1988, p. 141).

¹ May vê o *Dasein* como “o ser que consegue ser consciente e, portanto, responsável por sua própria existência”, ou seja, “a pessoa-que-é-responsável-por-sua-própria-escolha-existencial” (MAY, 1988, p. 105).

² Ponderação que, contida em “A Descoberta do Ser” (*The Discovery of Being*), de 1983, reitera posicionamento antes explicitado na obra colegiada *Existence: A New Dimension in Psychiatry and Psychology*, de 1958, traduzida para o idioma castelhano em 1967 e ainda inédita em língua portuguesa (MAY, 1977, p. 88).

Com perspectiva similar, na Psicologia Espírita de Joanna de Ângelis (conjunto de obras cuja autoria se atribui ao espírito de Ângelis, psicografadas pelo médium baiano Divaldo Pereira Franco), reflexiona-se que a presença do sentimento amoroso constrói conexões “de afinidade e de interesses” que aproximam o casal e atenuam o peso das “diferenças de opinião e de comportamento”, as quais não são impeditivas da convivência entre ambos, se “respeitados os direitos de continuar a viver conforme melhor aprouver, sem agredir a quem comparte a convivência” (ÂNGELIS, 2014c, p. 147).

De acordo com essa linha de raciocínio, a diversidade de opinião e comportamento entre parceiros não inviabiliza o relacionamento afetivo-sexual, desde que ambos se abstenham (a) de cultivar a “paixão de impor a sua forma de pensar e de agir sobre o outro”, (b) de abandonar as próprias raízes apenas para um “agradar o outro”, ou, ainda, (c) de pretender “ser agradado sem o interesse de brindar o equivalente ao que recebe” (ÂNGELIS, 2014c, p. 147).

Nos primórdios da sua produção intelectual, em 1940, em sua segunda obra, denominada *The Springs of Creative Living: A Study of Human Nature and God*, inédita em língua portuguesa, período em que o seu discurso de psicoterapeuta estava impregnado da vivência do pastor protestante³ que realizava o aconselhamento religioso, May já vislumbrava o amor entre o casal como o encontro e o acolhimento recíprocos e integrais, nos níveis físico, intelectual e espiritual da existência, em que o ato de olhar o(a) seu(sua) parceiro(a) como *pessoa independente* que aspira à busca da felicidade e da plenitude guarda a mesma importância que o amparo e a consolação que recebe da pessoa amada (MAY, 1940, p. 68).

À época, May já intuía que o amor em um relacionamento afetivo-sexual não é uma compensação pelo sentimento de inferioridade nem um meio de criar dependência neurótica, porém se relaciona à atração despertada em uma pessoa pelos traços de força (e não de fraqueza) do(a) outro(a), sem dar muita relevância às (im)perfeições do(a) parceiro(a) (MAY, 1940, p. 68).

Nos anos subseqüentes, em seu dia a dia na clínica psicoterapêutica, May observaria

³ Foi sacerdote protestante durante três anos (MAY, 1989, p. 245).

que, no tocante ao valor da experiência sexual, quanto mais madura e diferenciada é a pessoa, menos peso ela dá à mera gratificação física propriamente dita e mais importância atribui a fatores outros, tais quais a qualidade do relacionamento entre ambos, a delicadeza com que é tratada pelo(a) parceiro(a), o prestígio que entende desfrutar da outra pessoa e a compreensão que o(a) parceiro(a) possui dela (MAY, 2009, p. 105).

5. SEXO IMPESSOAL E SEM INTIMIDADE: A PERDA DA CAPACIDADE DE SENTIR

Apesar de conferir ao intercuro sexual um papel singular e diferenciado para se promover a integração entre o casal em camadas mais profundas, May, na mencionada obra “Liberdade e Destino” (originalmente publicada em 1981), constata a propensão, na sociedade da segunda metade do século XX, ao sexo desprovido de intimidade, o que atribui à *perda*, nos homens e nas mulheres, da *capacidade de sentir*, devido à ascensão de uma mentalidade que dissocia a vivência sexual dos valores morais e pessoais e estimula o *não sentir*, como se fosse uma virtude a ser exercida em benefício da autonomia e autonomização de cada um e da construção de uma suposta verdadeira liberdade (MAY, 1987, p. 191, 194-197).

Consoante infere May, a ânsia de que o desempenho sexual venha à baila sem envolvimento nem compromisso entre os parceiros, torna o ato sexual cada vez mais impessoal e premia a sensação *destituída* de sensibilidade e o intercuro sexual *desprovido* de intimidade, como se a negação de um sentimento constituísse um objetivo preferencial, reforçando, por conseguinte, uma espécie de *ansiedade destrutiva* (MAY, 2009, p. 67).

Entre os sintomas dessa tendência comportamental de prática sexual impessoal e dessensibilizada, notada em seus (suas) terapeutizados(as) desde a década de 1950, elenca (MAY, 1987, p. 189-197):

(a) a ineficácia da expansão dos programas e projetos de educação sexual em inibir o crescimento dos índices de aborto, doenças venéreas e gravidez na adolescência;

(b) o esmaecimento do erotismo genuíno, em prol da presença cada vez mais marcante da pornografia, da promiscuidade e do sexo como um fim em si mesmo;

(c) a ênfase nas sensações em detrimento das emoções, a intimidade trocada pela superficialidade, a resistência à tomada de consciência das próprias sensibilidades e à construção de laços de afetividade e o receio de se sentir vulnerável e de experimentar frustrações amorosas;

(d) o incentivo a uma espécie de automatismo narcisístico, em que homens e mulheres deixam de ser amantes para se tornarem máquinas sexuais, que priorizam o estímulo sexual de si mesmas, em prejuízo de uma verdadeira partilha, dessensibilizados para as necessidades e os desejos do parceiro ou da parceira.

Para que se contextualize a remissão de Rollo May ao arquétipo narcisístico, quando se debruça sobre a perda da capacidade de sentir, na esfera dos relacionamentos afetivo-sexuais, é importante compreender qual o entendimento de May acerca da pessoa narcisística.

Ao discorrer sobre o narcisismo na sua derradeira obra solo, “A Procura do Mito” (*The Cry for Myth*, originalmente publicada em 1991), May o caracteriza como a neurose dos EUA do século XX, afirma que a “personalidade narcísica pode ser considerada nos Estados Unidos como um desenvolvimento do individualismo americano” e declara que o “paciente narcísico em terapia é a representação moderna do mito do individualismo solitário”, porquanto “tem pouco ou nenhum relacionamento profundo e não consegue obter satisfação ou prazer em seus contatos” (MAY, 1992, p. 90, 92).

Segundo May, as pessoas narcisistas não conseguem (1) “tomar decisões pessoais” por si mesmas, (2) “têm muitos conhecidos, mas nenhum amigo próximo”, (3) mostram-se “sexualmente liberadas mas não experimentam nenhuma paixão”, (4) mesmo se cultas, “desistem da maioria de seus interesses intelectuais quando se formam na faculdade”, (5) muitas vezes hábeis no mercado financeiro, “cedo ou tarde este lhes parece sem sentido”, (6) ainda que, em regra, tenham “salários muito bons – algumas vezes na casa dos milhões – [...] isso lhes dá pouca satisfação”, (7) afiguram-se “pessoas modernas, sofisticadas e vêm em número cada vez maior para a psicanálise, mas a terapia é difícil e lenta”, (8) “são extremamente solitárias” e (9), aparentemente, “a única emoção que elas sentem é uma depressão suave mas

penetrante e uma sensação de ter se perdido nas alegrias da vida, mesmo se, paradoxalmente, tiveram tudo” (MAY, 1992, p. 92).

Nos Estados Unidos ainda da primeira metade da década de 1950, May, na aludida obra “O Homem à Procura de Si Mesmo” (*Man’s Search for Himself*), percebia que a maioria dos conflitos sexuais dos(as) terapeutizados(as) já não dizia respeito aos “tabus sociais relativos à atividade sexual” nem aos “sentimentos de culpa referentes ao sexo em si mesmo”, e sim à circunstância de que o ato sexual “para tanta gente é uma experiência *mecânica* e *vazia*” (MAY, 2011, p. 15, grifos nossos).

Com efeito, em artigo científico publicado em 1956, no *Pastoral Psychology*, May sublinhou que, embora muitas pessoas sofisticadas conhecessem à época todas as regras atinentes ao corpo, a métodos sexuais e ao controle de natalidade e a despeito de se sentirem ofendidas se fossem acusadas de reprimirem seus instintos, esses mesmos indivíduos se defrontariam, por vezes, com a sua própria incapacidade de sentir, de maneira que a sua atividade sexual, com frequência, era vazia e mecânica, vivendo *alienados* dos seus próprios corpos (MAY, 1956, p. 12).

Para que houvesse saúde mental em tais contextos, seria imperioso recuperar o *sentido de unidade* com o próprio corpo, para que o ato sexual se tornasse a forma mais interpessoal de doar e de receber (MAY, 1956, p. 13).

Posteriormente, em “A Psicologia e o Dilema Humano” (*Psychology and the Human Dilemma*, obra originalmente publicada em 1967), May realçaria que o posicionamento, presente em profissionais da Psicologia e da Psiquiatria, em prol da chamada “liberdade total” e de que “valores não importam”, ou seja, a suposição de que, para ser saudável, é necessário ser sexualmente permissivo (denomina-a de “doutrina da promiscuidade sexual”), estava sendo um fator a mais de insegurança, ansiedade e solidão em todos os campos da sexualidade humana e fortalecia, no extremo oposto, inclusive nas áreas da Psiquiatria e Psicologia, novas expressões de puritanismo, moralismo e tentativas de controle social do comportamento, da mente e da personalidade (MAY, 2009, p. 222-226).

Em sentido semelhante, no tocante à

vivência sexual na atualidade, destaca-se, na Psicologia Espírita de Joanna de Ângelis, que “a sua satisfação aligeirada continua *destituída* de significado profundo, que permita o equilíbrio das emoções e a segurança afetiva” (ÂNGELIS, 2014b, p. 168, grifo nosso).

Constata-se que a “troca insensata de parceiros, na busca da variedade, em vez de satisfazer, *mais frustra*”, uma vez que o intercurso sexual, em vez de “expressar os sentimentos e trabalhar a ansiedade”, converteu-se em uma manifestação dos modismos da sociedade contemporânea (ÂNGELIS, 2014b, p. 168, grifos nossos), a revigorar expressões mais grosseiras da experiência sexual, “a preço de insanidade mental e de total relaxamento dos valores ético-morais” (ÂNGELIS, 2018, p. 42).

Entende-se que a “desenfreada busca do gozo” deságua em “fogo-fátuo de rapidíssima duração” cujos resquícios são “ressaibos de amargura e de insatisfação que induzem a novas e ininterruptas ansiedades” (ÂNGELIS, 2018, p. 42).

Assinala-se que a ânsia exacerbada pelo prazer sexual e diversidade de parceiros sexuais faz com que as pessoas transitem “de um *estado de estresse* para outro, sem que haja harmonia interior nas buscas efetuadas”, em uma tessitura em que as “pessoas que compartilhem desses momentos são descartáveis, grátis ou remuneradas, bem ou mal situadas no contexto social, objeto de uso *sem nenhum sentido psicológico realizador*” (ÂNGELIS, 2014b, p. 168, grifos nossos).

6. DO EROS AO ÁGAPE: O AMOR SEXUAL AMADURECIDO

De acordo com May, promiscuidade sexual não é liberdade autêntica.

Na sua visão, o caminho da liberdade autêntica, a verdadeira condição de ser livre, implica reconhecer as limitações de si mesmo, entre as quais a *impossibilidade* de o indivíduo desenvolver a contento sua afetividade e sexualidade sem se sensibilizar para as necessidades e os desejos da outra pessoa e, ao mesmo tempo, ter de aceitar o risco de que, a despeito da sua entrega e abertura em direção ao outro, possa mais adiante sofrer uma frustração amorosa (MAY, 1987, p. 196-197).

Na Psicologia Espírita de Joanna de

Ângelis, conquanto se reconheça que os relacionamentos conjugais e demais compromissos emocionais com parceiro(a) afetivo(a) vêm acompanhados da chance de não se coroarem da satisfação esperada, obtempera-se que esse risco, ínsito aos empreendimentos humanos, constitui desafio ao crescimento interior de cada um, “sem o qual nenhuma tentativa é realizada para o desenvolvimento intelecto-moral do ser”, e que, quando não alcançam os resultados acalentados, servem de “valiosa lição da aprendizagem para futuros e melhores tentames de felicidade” (ÂNGELIS, 2014c, p. 146).

Assim, até o amor não correspondido teria o efeito positivo de servir de ensejo para o exercício do perdão e da compaixão por outrem (ÂNGELIS, 2015, p. 27).

Ante o cenário social da atualidade, em que muitas pessoas preferem se valer de “uma atitude de distância”, por temerem “relacionamentos mais sérios”, já que “não desejam ser magoadas, acreditando que não lograrão a compreensão nem o apoio de que necessitam”, alerta-se, na Série Psicológica de Joanna de Ângelis, para a importância do crescimento psicológico mediante “o enfrentamento de problemas”, inclusive “o atrito das emoções”, em particular na seara da afetividade, “campo novo para o ser, quando treina mais fortes e valiosas expressões de amor” (ÂNGELIS, 2014c, p. 139).

O ato de doar traz consigo, de antemão, a possibilidade de que o que se tem para doar não seja aquilo que se quer receber e, mesmo que se doe pensando nas necessidades e nos desejos do outro, permanecerá a possibilidade de não ser acolhido nessa manifestação de afeto.

Contudo, deixando-se de agir, devido ao medo de se frustrar, não se constroem os vínculos de afeto por meio do quais surgem a intimidade, o compartilhar cotidiano e um projeto existencial comum, como fatores de autorrealização do casal.

Na Psicologia Espírita de Joanna de Ângelis, assere-se que o medo e o amor “não convivem no mesmo espaço emocional” (ÂNGELIS, 2014b, p. 59, grifo nosso).

Remarca-se que o “terrível medo de amar, em face da possibilidade de sofrer-se a indiferença ou o desprezo da pessoa anelada ou mesmo do ideal elegido” redundava em “tremenda angústia pelo não experimentado,

pelo que ficará para sempre como desconhecido, que deveria ter sido vivenciado” (ÂNGELIS, 2014b, p. 56, grifos nossos).

De forma categórica, conclui-se: “Pior do que amar e não receber resposta idêntica é o prejuízo de *nunca haver amado*.” (ÂNGELIS, 2014b, p. 56, grifos nossos).

Posto de outro modo: “Melhor que se haja vivido uma experiência cujos resultados não foram os mais agradáveis do que permanecer-se na incerteza de como seria tal realização.” (ÂNGELIS, 2014b, p. 56, grifo nosso).

O acolher das necessidades e dos desejos de outrem, em uma relação afetivo-sexual, quer dizer dar-se vazão a um *amor sexual amadurecido*, em que o impulso sexual direcionado ao outro (o *eros*) se matiza com o exercício da *empatia*, que reconhece o valor e a dignidade daquela pessoa e fomenta o desabrochar das suas *potencialidades* (MAY, 2011, p. 220, 222).

Potencialidade concerne ao movimento de transformar a si mesmo naquilo que realmente se é (MAY, 1988, p. 105-106).

“Ser”, na perspectiva de May, espelha “o padrão singular das potencialidades da pessoa”, isto é, “um padrão único dessa pessoa em particular”, ainda que “parcialmente compartilhadas com outros indivíduos” (MAY, 1976, p. 21, grifos originais suprimidos, grifos nossos acrescentados).

May enxerga no ser humano um conjunto de *potencialidades* que, dirigidas pelos desejos “daimônicos” (os quais, segundo frisou em 1982, não consistem em intenções “demoníacas”, mas em aspirações ligadas à afirmação de si mesmo, à assertividade, ao ânimo de se perpetuar e de se expandir⁴), podem ser a fonte de impulsos *construtivos* ou *destrutivos* (MAY, 1982, p. 11).

⁴ Conquanto, na tradução brasileira, de 1973, feita por Aurea Brito Weissenberg, de “Amor e Vontade” (*Love and Will*), de 1969, afirme-se que *demoníaco* consiste no “impulso de todo o ser para afirmar-se, fazer-se valer, perpetuar-se e ampliar-se” (MAY, 1992, p. 137), Rollo May, em carta aberta a Carl Rogers, publicada na edição do verão de 1982 do *Journal of Humanistic Psychology*, acentuou que, no contexto daquela obra, para descrever esse conceito, não empregara o termo “demoníaco” (*demonic*), e sim *daimonic* (daimônico) (MAY, 1982, p. 11). De fato, em nota de rodapé posta no início do Capítulo 5 de “Amor e Vontade”, May enfatiza haver optado pela palavra *daimonic*, proveniente “do antigo grego” *daimon*, em detrimento do termo popular “diabólico”, por entender que *daimon* “é a origem do conceito e que o vocábulo não é ambíguo, incluindo tanto o positivo como o negativo, o divino e o diabólico”, conforme consta da própria tradução de Weissenberg (MAY, 1993, p. 137).

O desejo “daimônico” assume cariz *construtivo*, quando, integrado na personalidade, resulta na *criatividade*. Todavia, se não integrado ao todo da personalidade, o desejo “daimônico” desborda para a ira violenta, a paranoia coletiva em tempos de guerra, o sexo compulsivo ou o comportamento opressivo, redundando em atividades *destrutivas* (MAY, 1982, p. 11).

Identificar as *potencialidades* do outro é um dos aspectos fulcrais do relacionamento interpessoal na óptica de May, segundo o qual apenas “é possível compreender um outro ser humano quando vemos a direção que toma, no que ele está se transformando” e, por outro lado, “somente podemos conhecer a nós mesmos” ao projetarmos em ação a nossa *potentia*, já que “o ponto crítico é o que estou buscando, o que serei no futuro imediato” (MAY, 1988, p. 106).

Empatia, na visão de May, exposta em “A Arte do Aconselhamento Psicológico” (*The Art of Counseling*, obra revisada, de maneira substancial, em 1989, originalmente publicada em 1939), consiste em “o sentir ou o pensar de uma personalidade dentro da outra, até ser alcançado um certo estado de identificação”, por intermédio do qual “um verdadeiro entendimento entre as pessoas pode ocorrer” e sem a qual “não é possível qualquer entendimento” (MAY, 2013, p. 67).

Esse sentir ou pensar como se uma personalidade estivesse momentaneamente inserida em outra, a que se reporta May, mostra certa sintonia com o pensamento atribuído, na literatura espírita, ao espírito Hammed, em psicografia ditada ao médium paulista Francisco do Espírito Santo Neto, na medida em que o autor espiritual inclui entre as maneiras de se vivenciar a *empatia* o fenômeno da *ressonância*, quando “sentimos o que ele [a outra pessoa] sentiria caso estivéssemos vivenciando a sua situação” (HAMMED, 2018, p. 114).

May parte da premissa de que, por meio dos relacionamentos interpessoais, inclusive entre o(a) terapeuta e o(a) terapeutizando(a), o ser humano contempla a sua necessidade de *sair da centralidade em si mesmo* “para participar em outros seres” e assinala que a experiência do encontro com o outro, quando genuíno, muda ambas as pessoas, ainda que de modo ligeiro, realizando-se, em tais situações, o potencial criativo de o encontro entre pessoas *dilatar a consciência e*

enriquecer o eu de ambas, motivo por que se deve arriscar, ou seja, convém assumir o risco diante do desconhecido, ante a possibilidade de que sejam fenômenos enriquecedores (gratificantes) tanto o novo relacionamento interpessoal, quanto o novo momento de determinado relacionamento interpessoal preexistente (MAY, 2009, p. 131, 165).

Na seara dos relacionamentos afetivo-sexuais, ao maturar, o *eros* adquire “um significado mais profundo e duradouro”, transmutando-se “em ternura permanente, em consideração duradoura pelo próximo”, e exprime, dessa maneira, o *ágape*, é dizer, “a forma do amor destituído de interesses com respeito ao bem-estar do próximo” (MAY, 1988, p. 21), conforme reflexionou em “A Descoberta do Ser” (*The Discovery of Being*, obra publicada originalmente em 1983).

Esse conceito de *ágape* corresponde, na Psicologia Espírita de Joanna de Ângelis, a exprimir-se o “amor ao próximo, mediante o qual a vida adquire sentido e o relacionamento se vitaliza”: alicerçando-se “no interesse pelo bem-estar do outro, irradia-se bondade e ternura em seu benefício, *sem* o propósito negociista de receber-se compensação” (ÂNGELIS, 2014b, p. 59, grifo nosso).

Assevera-se que o matrimônio não é mantido pelo prazer sexual, porquanto “sempre fugidio, mesmo quando inspirado pelo amor”, e sim pela amizade, a qual “responde pelo intercâmbio emocional” promovido “por intermédio do diálogo, do interesse nas realizações do outro”, bem assim “na convivência compensadora, na alegria de sentir-se útil e estimado” (ÂNGELIS, 2014a, p. 31).

E, mais uma vez, nota-se uma afinidade entre os pensamentos de May e Frankl, haja vista que o psiquiatra austríaco e proponente da Logoterapia postula que, pela vivência do amor, o indivíduo passa a enxergar na pessoa amada não apenas os traços característicos e as feições essenciais dela, como também o que está contido nela *em potência* (“aquilo que não está, mas deveria ser realizado”) e, a partir dessa perspectiva mais ampla e do seu sentimento amoroso, capacita e viabiliza o ser amado a materializar essas potencialidades, ao conscientizá-lo do que “pode ser e do que deveria *vir a ser*” (FRANKL, 2014, p. 136, grifos nossos).

7. DOAR, APRENDER E ARRISCAR

O acolhimento das necessidades e dos desejos da pessoa amada, o reconhecimento do seu valor e dignidade e o incentivo ao seu desenvolvimento pessoal, inclusive de suas potencialidades, retratam movimentos por meio dos quais cada parceiro(a), para que se realize por meio daquela relação afetivo-sexual, aprende tanto a doar quanto a receber, em um exercício diário que vai acompanhar as próprias transformações por que passará a dinâmica da relação *interpessoal* do casal e a dinâmica da relação *intrapessoal* de cada parceiro(a).

Todavia, haverá circunstâncias em que o outro não estará em condições de compreender, refletir sobre e acolher, com abertura e no tempo esperado, o que de positivo o(a) parceiro(a) pode lhe propiciar, sob o ângulo do despertar de potencialidades pouco exploradas ou desconhecidas por si próprio.

O ato de doar nem sempre é retribuído com o ato de receber e nem sempre o ato de receber se completa na janela temporal que se consideraria razoável ou ideal. Anos podem se passar para que se perceba, com clareza, o que o(a) parceiro(a) ou ex-parceiro(a) quis dizer ao fazer determinada pontuação e se constate a possível lucidez da ponderação à época realizada. Também é possível que essa compreensão nunca seja alcançada pelo destinatário desses atos de afeto e que os potenciais entrevistados jamais se materializem.

Conquanto o fomentar do desenvolvimento das potencialidades do outro possa constituir uma manifestação de amor genuíno, inclusive em um relacionamento afetivo-sexual, o entusiasmo inicial de quem assim procede pode gerar em si mesmo expectativas fantasiosas ou exageradas e, mais adiante, defrontar-se com a posterior frustração, em virtude de aquelas potencialidades detectadas no outro não terem sido concretizadas em conformidade com o idealizado por quem incentivou o seu florescimento ou até haver se equivocado quanto à existência de tais potenciais.

No entanto, à luz do pensamento de May, deve-se cultivar a compaixão ante as limitações com que cada um se depara na tentativa de dar concretude às suas próprias potencialidades.

May vê o sentimento de *compaixão* como reflexo “do nosso conhecimento mútuo” e da “nossa compreensão mútua”, que “nos faz perceber que todos os homens e mulheres são irmãos e irmãs, mesmo que seja necessário disciplinarmos os nossos próprios instintos para começarmos a concretizar essa crença em nossas ações”, e salienta:

[...] a compaixão é igualmente sentida por outrem porque *ele* não realiza as suas potencialidades – em outras palavras, ele é humano, como você ou eu, empenhado sempre na luta entre a realização e a não realização.”⁵ (MAY, 1986, p. 204, grifo original)

Em certa medida, aproxima-se, na doutrina espírita, de Hammed, o qual vislumbra o exercício da compaixão como o cultivo de uma compreensão mais ampla das fragilidades do ser humano, à medida que “nos tornamos mais realistas, menos exigentes e mais flexíveis com as dificuldades alheias” (HAMMED, 2018, p. 113).

De toda sorte, na perspectiva de May, o binômio *doar* e *receber* são facetas imprescindíveis para a plena gratificação não apenas na troca sexual como também nos demais cenários da convivência entre o casal. De um lado, a disponibilidade de doar, em atenção às necessidades e aos desejos do outro. De outro, o reconhecimento do que se recebe e a humildade de ser grato pelo que se recebe, incorporando-se o doado à bagagem existencial de si próprio, enriquecendo-se a própria existência.

Doar e receber, em comunhão sexual e em outras facetas da vida do casal, são movimentos que não devem se atrelar a fórmulas prontas e acabadas: sem se prender a técnicas, sem o automatismo de pressupor que, na intimidade do casal, o que funciona bem na atualidade será a bússola do que dará certo amanhã.

A autorrealização, no campo do amor sexual, relaciona-se com “sentir a nossa capacidade de proporcionar prazer à outra pessoa e assim alcançar uma expansão no senso do relacionamento”, isto é, “ser capaz de dar ao companheiro no ato amoroso é essencial ao próprio prazer total no ato” e, por outro lado, é igualmente preciso frutificar

⁵ Citação adaptada à Reforma Ortográfica do português brasileiro ocorrida em 2009.

em si “o talento de receber”, com uma postura ativa, de quem torna “seu o que recebe”, ou seja, “sabe-se que se está recebendo, sente-se, absorve-se esse conhecimento na própria existência, reconheça-o verbalmente ou não, e se é grato por isso” (MAY, 1992, p. 349-350).

Percebe-se, então, que o sexo é uma vigorosa caixa de ressonância do amor, e não o contrário. Em “A Arte de Amar” (*The Art of Loving*, de 1956), explica Fromm: “O amor não é resultado da satisfação sexual adequada, mas a *felicidade sexual* – inclusive o conhecimento da chamada técnica sexual – é que é o *resultado do amor*.” (FROMM, 2015, p. 110, grifos nossos)

A literatura brasileira de temáticas espirituais oferece aportes preciosos sobre essa questão:

Na Ciência do Ioga, José Hermógenes de Andrade Filho vê o sexo na qualidade de “fenômeno holístico” que encerra “vários patamares ou níveis de ser” e considera o “amor conjugal verdadeiro e santo” como aquele que “começa pela união em espírito e *termina* no nível genital”, tendo por castidade, em tal contextura, o ato de “amar intensamente, *a partir* do plano espiritual”, de modo que a prática do ato sexual seja “apenas uma parte do amor divinizado e divinizante” (ANDRADE FILHO, 2015, p. 239, grifos nossos).

Na doutrina espírita, complementa tal reflexão de Andrade Filho o esclarecimento atribuído ao espírito André Luiz, na atrás citada psicografia, ditada aos médiuns mineiros Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, a frisar que “o sexo *reside* na mente, a expressar-se no corpo espiritual, e *consequentemente* no corpo físico” (ANDRÉ LUIZ, 2015, p. 149, grifos nossos).

Também é digno de nota o ensinamento atribuído aos espíritos Ermance de La Jonchére Dufaux e Cícero dos Santos da Silva Pereira, em psicografia ditada ao médium mineiro Wanderley Soares de Oliveira, segundo a qual o “estado da mente casta”, em tal panorama, “*não* significa abstinência, mas *pureza* nos terrenos dos sentimentos”, à medida que a afetividade se reorienta em prol do desenvolvimento dos “sentimentos *nobres*” (DUFAUX; PEREIRA, 2007, p. 81, grifos nossos).

8. O AMOR: UMA CONSTANTE EM MEIO À INCONSTÂNCIA DE SER NO MUNDO

Para que o relacionamento afetivo-sexual seja duradouro ou perene, a presença do sentimento de amor necessita ser uma constante em meio à inconstância, que é uma marca da interação com os mundos pelos quais o ser humano transita e que o atravessam, na medida em que o seu percurso existencial concerne a um padrão dinâmico no qual, desde quando o indivíduo possui consciência de si mesmo, encontra-se “em processo de planejar e projetar” (MAY, 1988, p. 137).

Seguindo-se essa linha de raciocínio, sem amor a vivência plena da sexualidade, sob o prisma da autorrealização, não se firma nem se sustenta.

Ao ver a autorrealização na vivência sexual como um desdobramento da autorrealização na vivência amorosa (e não o contrário), Fromm ilustra seu raciocínio, ao afirmar que a raiz da frigidez feminina e de circunstâncias mais ou menos graves de impotência psíquica masculina radica, não no desconhecimento de técnicas sexuais apropriadas, e sim em inibições que, por ecoarem medo ou ódio endereçados ao outro sexo (dir-se-á hoje, a outro gênero), obstam o ato de amar e impedem a plena entrega ao parceiro ou à parceira, com espontaneidade e confiança, em uma contextura em que a proximidade física, sendo inerente ao intercâmbio sexual, possui índole imediata e direta (FROMM, 2015, p. 110-111).

Dessarte, em relacionamentos de transcendência de longa duração, o amor entre o casal se converte em um fator de estabilidade em um contexto de permanente dinamismo, em face das frequentes mudanças na relação de cada parceiro com o *Umwelt*, o *Mitwelt* e o *Eigenwelt*.

O *Umwelt* concerne ao “mundo ao redor”, em que se é lançado ao nascer como homo natura. Cuida-se do universo da finitude, da história natural, dos fatos passados e do tempo de cariz cronológico ou quantitativo (MAY, 1977, p. 80-99, tradução livre nossa; MAY, 1988, p. 139-145; MAY, 2009, p. 124).

Trata-se do ambiente do entorno, em que se situa o mundo da matéria, dos ciclos naturais, onde residem os objetos, os seres e a natureza, no qual vêm à tona as pulsões, bem assim as atividades, os impulsos e os instintos de ordem biológica, além das forças,

destinações, contingências, adaptações, ajustes e determinismos impostos aos seres humanos pelas leis naturais e das pressões automáticas oriundas do passado (MAY, 1977, p. 80-99; MAY, 1988, p. 139-145; MAY, 2009, p. 124).

Já o *Mitwelt*, ao contrário do que pode parecer à primeira vista, não diz respeito ao ajuste nem à adaptação aos determinismos sociais, ou seja, não se refere à influência do agrupamento humano sobre a pessoa tampouco à modelagem da conduta do indivíduo pela coletividade. Relaciona-se, isto sim, à atitude que cada um adota na coexistência com os demais (MAY, 1977, p. 88).

O *Mitwelt* constitui o “comundo”, da horizontalidade, em que as pessoas se apresentam na condição de semelhantes. Consiste no “mundo dos interrelacionamentos entre os seres humanos”. É a zona em que se tecem as relações interpessoais, os laços de amor e de amizade. Consubstancia a esfera do (com)partilhar, a ambiência em que vem à baila a “responsabilidade para com o semelhante” (MAY, 1977, p. 80-99, tradução livre nossa; MAY, 1988, p. 139-145; MAY, 2009, p. 124).

No *Mitwelt* o tempo cronológico e quantitativo cede passo ao tempo psicológico e qualitativo. Por exemplo, “não podemos medir o caráter nem a intensidade do amor de uma pessoa pelo número de anos desde que conheceu a sua amada” (MAY, 1977, p. 94, tradução livre nossa).

Por sua vez, o *Eigenwelt* exprime o mundo do autorrelacionamento, o universo intrapessoal que não pode ser reduzido ao mero ato de assimilar a cultura humana, ou seja, expressa “o mundo do relacionamento consigo próprio”, da “autoconsciência (ou percepção de si mesmo)”, do autoconhecimento, da autolucidez, das percepções de si mesmo (inclusive das intuições, imediatas e instantâneas), no qual “deve ser consciente da própria identidade em meio às vastas forças naturais e sociais operando um destino sobre ele” (MAY, 1977, p. 80-99; MAY, 1988, p. 139-145; MAY, 2009, p. 124).⁶

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constata-se o entendimento de May de que o amor sexual amadurecido propicia, no intercuro sexual, o êxtase amoroso, como ápice da criatividade humana e da união entre duas pessoas, em que as identidades de ambos se fundem e, após, cada identidade é fortalecida pelo efeito dessa fusão momentânea e se produz um efeito transformador e revitalizante nos parceiros, sob a óptica do desenvolvimento pessoal, por intermédio do exercício constante da doação e da entrega, do erotismo matizado com a empatia e a compaixão.

Nota-se também que May se posicionou de modo crítico em relação à mentalidade e à tendência comportamental que percebeu vigorosa nos Estados Unidos do século XX, de separar a vivência amorosa da experiência sexual, de distanciar a prática sexual da vida íntima e separar as esferas da sexualidade e dos valores pessoais e morais.

As críticas de May ao sexo casual, impessoal e dessensibilizado, em que a vivência dos sentimentos e das sensibilidades íntimas cede passo à apologia das sensações, ao olhar em direção a outrem como mais um objeto sexual entre tantos outros e ao anseio de não se comprometer nem se frustrar, representa um significativo desafio para parcela expressiva da humanidade da primeira metade do século XXI, aclimatada com a perspectiva, própria da sociedade consumerista, que valoriza o imediatismo, transforma seres humanos em bens de consumo descartáveis e, no bojo desse *frenesi* de desviar a atenção do vazio interior e de fuga do encontro consigo mesmo e com o outro, difunde a concepção de que seria legítimo instrumentalizar outra pessoa (seja o amigo ou a amiga, seja o conhecido ou a conhecida, seja determinado profissional do sexo, seja um ou uma amante ou companheiro(a) ocasional ou perene), a fim de saciar desejos sexuais, bombardeados com a mentalidade de que, nos dias atuais, em que se priorizam a autonomia e a independência de cada um, não mais faria sentido dedicarem-se anos ou décadas a uma relação interpessoal de longo prazo, ante a possibilidade de que se adote o expediente à primeira vista mais prático e indolor da opção por relações sexuais e afetivas breves, momentâneas ou até mesmo instantâneas, com variedade de

⁶ Citações adaptadas à Reforma Ortográfica do português brasileiro ocorrida em 2009.

parceiros(as), imbuídos de abordagens, estilos e contextos plurais, em relacionamentos sucessivos ou paralelos transitórios, como se os seres humanos fossem despersonalizados e passassem a integrar um exército de máquinas prestadoras de serviços sexuais para os mais distintos gostos e estados de espírito, cujo contrato tácito e temporário, em sistema de rodízio ou revezamento, traria o alívio geral de dispensar a formação de vínculos íntimos e, desse modo, pouparia os tomadores do serviço de frustrações, angústias, tristezas e decepções, eximindo-os de sentir, mas também os obstando de transcender a si mesmos.

Diante desse cenário humano, psicológico, social e axiológico, estudar May significa (re)considerar a hipótese de que o amor sexual amadurecido não seja uma mera quimera romântica, fruto de idealizações ingênuas, mas um potencial humano tangível, passível de ser vivenciado de modo perene, por meio de projeto existencial comum e em um (re)aprendizado contínuo de doar e receber, de assumir o risco sempre presente da frustração, da rejeição, do não acolhimento e da incompreensão, no compartilhar cotidiano da intimidade, em uma mobilização diária do casal, em prol da autorrealização e da autotranscendência de ambos, no diálogo permanente entre as necessidades e os desejos do(a) parceiro(a), pensando o relacionamento afetivo-sexual como a vivência mais intensa da criatividade e da coexistência humana, da elevação do ser para além da concretude, da transformação de si mesmo, da expansão da própria consciência e da interconexão com o outro e com a natureza.

REFERÊNCIAS

ANDRADE FILHO, J. H. **Yoga para nervosos**: aprenda a administrar seu estresse. 50. ed. Revisão técnica e apresentação de Luís Mário Duarte. Rio de Janeiro: BestSeller, 2015. 501 p. (Coleção Essenciais BestSeller)

ANDRÉ LUIZ (espírito). **Evolução em dois mundos**: psicografia de Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. 27. ed. Brasília, DF: FEB, 2015. 246 p. (Coleção A vida no mundo espiritual, v. 10)

ÂNGELIS, J. de (espírito). **Amor, imbatível amor**: psicografia de Divaldo Pereira Franco. 17. ed. Salvador: LEAL, 2014a. 248 p. (Série Psicológica Joanna de Ângelis, v. 9)

ÂNGELIS, J. de (espírito). **Conflitos existenciais**: psicografia de Divaldo Pereira Franco. 6. ed. Salvador: LEAL, 2014b. 240 p. (Série Psicológica Joanna de Ângelis, v. 13)

ÂNGELIS, J. de (espírito). **Garimpo de amor**: psicografia de Divaldo Pereira Franco. 6. ed. Salvador: LEAL, 2015. 200 p.

ÂNGELIS, J. de (espírito): **O despertar do espírito**: psicografia de Divaldo Pereira Franco. 9. ed. Salvador: LEAL, 2014c. 212 p. (Série Psicológica Joanna de Ângelis, v. 10)

ÂNGELIS, J. de (espírito). **Triunfo pessoal**: psicografia de Divaldo Pereira Franco. 9. ed. Salvador: LEAL, 2018. 192 p. (Série Psicológica Joanna de Ângelis, v. 12)

BUGENTAL, J. F. T. Rollo May: Personal Reflections and Appreciation. In: SCHNEIDER, K. J.; MAY, R. **The Psychology of Existence: An Integrative, Clinical Perspective**. New York: McGraw-Hill, 1995. Part One, Chap. 3, p. 102-105. 416 p.

DEURZEN, E. v. **Existential Counselling & Psychotherapy in Practice**. 3rd. ed. London: SAGE, 2012. 250 p.

DEURZEN, E. v.; ADAMS, M. **Skills in Existential Counselling & Psychotherapy**. 2nd. ed. London: SAGE, 2016. 234 p. (Skills in Counselling & Psychotherapy)

DUFAUX, E. de L. J.; PEREIRA, Cícero dos S. da S. (espíritos). **Unidos pelo amor**: ética e cidadania à luz dos fundamentos espíritas: psicografia de Wanderley Soares de Oliveira. 9. ed. Belo Horizonte: Dufaux, 2007. 207 p. (Série Atitudes de Amor)

FEIJOO, A. M. L. C. de; MATTAR, C. M. Encontros e desencontros nas perspectivas existenciais em Psicologia. **Psicologia em**

Revista, Belo Horizonte, v. 22, n. 2, p. 258-274, ago. 2016. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v22n2/v22n2a02.pdf>>. Acesso em: 29 mai. 2019.

FRANKL, V. E. Conceitos fundamentais de logoterapia. Tradução de Walter O. Schlupp. In: FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: um psicológico no campo de concentração**. 35. ed. São Leopoldo, RS: Sinodal; Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. Parte II, p. 121-157. 184 p.

FROMM, E. **A arte de amar**. Tradução de Eduardo Brandão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015. 165 p. (Selo Martins)

HAMMED (espírito). **Os prazeres da alma: uma reflexão sobre os potenciais humanos: psicografia de Francisco do Espírito Santo Neto**. Catanduva, SP: Boa Nova, 2018. 216 p.

HOFFMAN, L.; Serlin, I. A.; SHAWN, R. The History of Existential – Humanistic and Existential – Integrative Therapy. In: DEURZEN, E. v.; CRAIG, E.; LÄNGLE, A.; SCHNEIDER, K. J.; TANTAM, D., DU PLOCK, S. **The Wiley World Handbook of Existential Therapy**. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2019. Chap. 13, p. 235-246. 656 p.

MAY, R. **A arte do aconselhamento psicológico**. Tradução de Wayne Tobelen dos Santos e Hipólito Martendal. Tradução da edição revista por Reinaldo Endlich Orth. 19. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. 198 p.

MAY, R. **A coragem de criar**. 8. ed. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. 143 p.

MAY, R. **A descoberta do ser: estudos sobre a psicologia existencial**. Tradução de Claudio G. Somogyi. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. 199 p.

MAY, R. **A procura do mito**. Tradução de Anna Maria Dalle Luche. São Paulo: Manole, 1992. 292 p.

MAY, R. **A psicologia e o dilema humano**. Tradução de Carlos Alberto Silveira Netto Soares. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 287 p.

MAY, R. A psychologist looks at mental health in today's world. **Pastoral Psychology**, v. 7, n. 4, p. 8-16, May 1956. Disponível em: <<https://link.springer.com/journal/volumesAndIssues/11089>>. Acesso em: 14 jun. 2019.

MAY, R. **Amor e vontade: eros e repressão**. Tradução de Aurea Britto Weissenberg. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992. 361 p.

MAY, R. Answers to Ken Wilber and John Rowan. **Journal of Humanistic Psychology**, v. 29, n. 2, p. 244-248, Spring 1989. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0022167889292007>>. Acesso em: 31 mai. 2019.

MAY, R. Contribuciones de la psicoterapia existencial. In: May, R.; Angel, E.; Ellenberger, H. F. (Ed.). **Existencia: nueva dimensión en psiquiatría y psicología**. Versión Española de Cecilio Sánchez Gil. Madrid: Gredos, 1977. Cap. II, p. 58-122. 523 p.

MAY, R. **Liberdade e destino**. Tradução de Alfredo Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1987. 296 p.

MAY, R. **Minha busca da beleza**. Tradução de Francisco Pimentel Pinto. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992. 238 p.

MAY, R. **O homem à procura de si mesmo**. Tradução de Aurea Britto Weissenberg. 36. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. 253 p.

MAY, R. O surgimento da Psicologia Existencial. In: May, R. (Org.). **Psicologia Existencial**. Tradução de Ernani Pereira Xavier. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1976. Cap. I, p. 1-56.

MAY, R. **Poder e inocência: uma análise das fontes de violência**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. 211 p.

MAY, R. The Problem of Evil: An Open Letter to Carl Rogers. **Journal of Humanistic Psychology**, v. 22, n. 3, p. 10-21, Summer 1982. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/00>

22167882223003>. Acesso em: 31 mai. 2019.

MAY, R. **The Springs of Creative Living: A Study of Human Nature and God.** New York; Nashville: Abingdon-Cokesbury, 1940. 271 p.

SCHNEIDER, K. J. Introduction: Existential-Integrative Psychology: A Beginning. In: SCHNEIDER, K. J.; MAY, R. **The Psychology of Existence: An Integrative, Clinical Perspective.** New York: McGraw-Hill, 1995. p. 1-8. 416 p.

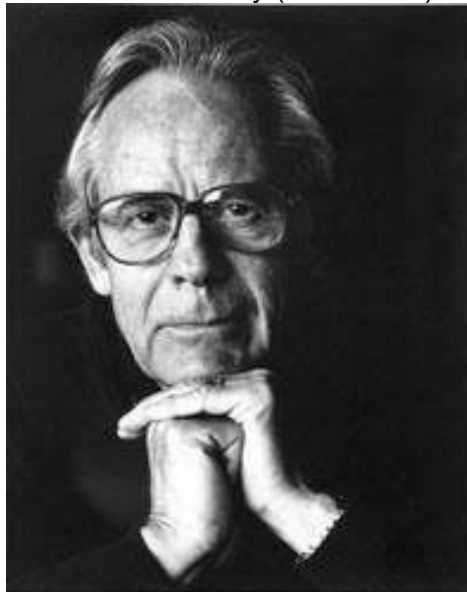
SCHNEIDER, K. J. Preface. In: SCHNEIDER, K. J.; MAY, R. **The Psychology of Existence: An Integrative, Clinical Perspective.** New York: McGraw-Hill, 1995. p. xvii-xix. 416 p.

SERLIN, I. *In memoriam: Remembering Rollo May: An interview with Irvin Yalom.* **The Humanistic Psychologist**, v. 22, n. 3, p. 268-274, 1994. Disponível em: <<https://psycnet.apa.org/PsycARTICLES/journal/hum/22/3>>. Acesso em: 29 mai. 2019.

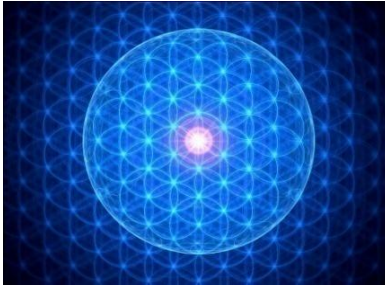
SHAPIRO, J. L. **Pragmatic Existential Counseling and Psychotherapy: Intimacy, Intuition, and the Search for Meaning.** London: SAGE, 2016. 362 p.

TEIXEIRA, J. A. C. Introdução à psicoterapia existencial. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 24, n. 3, p. 289-309, jul. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v24n3/v24n3a03.pdf>> Acesso em: 29 mai. 2019.

Rollo Reece May (1909-1994)



<https://br.pinterest.com/pin/775393260825660082/?lp=true>



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 15 - Ano 8 - Nº 15 – 1º semestre/2020
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

2 – O PREÇO DO SORRISO



João Neto*

Anuncia-se ao longe: o circo chegou! Todos vestem sua melhor roupa e, alegremente, vão prestigiar o grande espetáculo.

Sob a grande lona, as arquibancadas estão repletas de gente. Acendem-se os holofotes!

Tudo começa...

De trás das cortinas saem os exuberantes palhaços, que arrancam risos de pessoas de diversas idades... Há um delírio, quase uma histeria nos gritos e nas risadas estridentes...

Como pode aquele pequeno grupo de três, seis e, às vezes, nove atores contaminar de alegria tão diversificada plateia? São profissionais da arte de rir, de atuar, de representar papéis variados.

De repente, algo é lançado da arquibancada. Os holofotes, que faziam os **Saltimbancos** brilharem, não os protegem do inesperado ataque. Eles estão **Vulneráveis**, mas o show tem de continuar... E um deles observa o que acontece, vigilante

como **Sentinela**, sem sair de seu posto. O espetáculo segue: adentram uns, saem outros... Às vezes formam **Totens**, empilhados uns sobre os outros, tentando se equilibrar. Outras vezes, se enlaçam numa **Triade**, como se não fosse possível se libertar. De repente, três **Mascarados** entram no picadeiro e começam a lançar flores para a plateia e ela as devolve. Eles continuam a lançar as flores e a recebê-las de volta, como se fosse uma **Pirraça**. O jogo fica difícil com essa **Dualidade**, essa reciprocidade de comportamento, que permanece com **Intensidade**. É necessário manter a serenidade e o controle, embora tenham clareza de que não podem se tornar **Fantoches** do público. Vozes de bonecos **Marionetes** anunciam o final. O mestre de cerimônias, **Ímpar** na elegância, se despede ainda com **Risos**, enquanto as luzes se enfraquecem e se apagam.

Espelhos são colocados e as luzes reacendem. No último ato, a plateia se vê e

***João Neto** (Minas Gerais – Bahia) – Artista, Arquiteto e Urbanista vive e trabalha em Salvador - Bahia. Graduado pela FAUFBA em 2006, há quatro anos vem se dedicando exclusivamente às artes plásticas. Inicialmente desenvolveu várias atividades artísticas como a pintura e a partir de 2016 vem se dedicando aos processos cerâmicos e uma produção de séries escultóricas, nas quais seu principal motivo criativo está relacionado com as questões do homem contemporâneo. Tendo participado de exposições coletivas, feiras de arte e em 2019 integrou um programa de TV na rede GNT.

se vai...

Sozinhos, nos bastidores, os palhaços se despem, limpam a tinta do rosto. O peso do espetáculo se esvai: já não cabe mais ali...

Os pagantes não foram tantos para custear a noite, e o peso da responsabilidade recai sobre eles. Mas é preciso aguentar firme e continuar, pois o **Choro dos Reis** não é compatível com a missão a que se propõem com sua arte...

*

Ninguém começa a pensar frente a uma escultura. Você tem de sentir, não precisa entender. Apenas deixe acontecer. Depois de se dedicar a esse sentir, você se expõe...

Através desse estado, não busco construir um personagem, mas sim encontrar essas energias próprias, tentando transformá-las em arte.

A figura do palhaço explora os significados de meu passado, presente e futuro, integrando, assim, as intensas emoções de minha história de vida e dando sentido a ela.

Neste momento, os palhaços mostram minha filosofia de ser artista.

Nesta exposição, está sendo privilegiada uma linguagem cênica humorística e singular, própria do palhaço. Quanto à subjetividade contemporânea, trabalho com modelos sobre a sociedade atual. O palhaço constrói suas piadas com base em elementos do cotidiano, satirizando conceitos sociais impregnados na rotina do homem comum. É um crítico social e, ao contrário de nós, não esconde suas fraquezas. Ele as revela sem dissimulação, fazendo-se alvo de tudo há de ruim ou de feio, mas ridicularizando suas fraquezas, que também são as nossas... O palhaço revela a humanidade que tentamos esconder com nossas convenções sociais.

Ele é o próprio autor que se expõe, mostrando sua ingenuidade, mas, ao rirem dele, na verdade, as pessoas estão rindo delas próprias...

As séries consideram o palhaço como provocador do riso e transgressor da ordem, com seu comportamento às avessas. Ele aborda questões da figuração e da representação de si mesmo, com o nariz vermelho, uma maquiagem extravagante e acessórios. Trata-se de uma exposição que abre as imagens não só a inúmeras

possibilidades de experiência e interpretação, mas, sobretudo, a uma importante contaminação do que constitui o tempo presente.

O palhaço me recorda que o riso pode ser de dor. Trata-se de uma figura-limite de muitas coisas, uma figura com múltiplos usos e transformações. Entre o rosto e a máscara, há uma distância... O palhaço é a anulação da máscara. Ou seja, máscara e pessoas coincidem. Mas, depois, todos possuem uma identidade e uma individualidade que é importante procurar e identificar. São fisionomias móveis e transitórias, por oposição à ideia de estátua e de permanência perene.

As figuras que surgem nas esculturas promovem a percepção exata de sucessões fisionômicas organizadas, não como representações ou presenças. Não são representações de mim mesmo, mas, ao mesmo tempo, compartilham minhas afecções e as expressam em suas diferentes fisionomias. A constatação de se tratar de muitos rostos para um mesmo modelo aponta uma possível direção dessas obras, em que coexistem padrões repetitivos, embora com diversas intensidades conquistadas através da fisionomia. E é esse peculiar exercício fisionômico que estabelece a afinidade e a familiaridade entre as diferentes séries e seus diferentes tempos. A unidade advém do permanente interesse do artista pela máscara, pela personagem, pela duplicação para produzir alterações na fisionomia.

Para cada uma das 49 esculturas, o espectador vê apenas as coisas imediatas, embora o artista esteja aberto a diferentes diálogos. Conceitos de consciente e inconsciente emergem em seus rabiscos, no processo de pensar seu próprio processo criativo.

O aspecto mais importante de meu trabalho é uma poesia interna, com símbolos que estimulam a associação e a livre memória.

Alguns espectadores apenas veem o assunto de modo bastante restrito. Outros associam o que veem a lembranças felizes.

Outras, porém, temem a evocação de lembranças do passado...

*

Agradecimento especial à Marlice Almeida e Eriel Araújo. Marlice Almeida foi a minha primeira professora de cerâmica, quem me ensinou toda a parte técnica. Mas nossa relação saiu do período de aulas e ela sempre me acolheu em todos os momentos de dúvida e ansiedade. Sempre me acolhendo “como filho”.

Eriel Araújo foi meu professor em duas disciplinas da Escola de Belas Artes e responsável por organizar toda a parte técnica com as idéias que eu tinha. Me fazer pensar poeticamente e me direcionar para a montagem da exposição.

João e Celeste na abertura da exposição



Série Saltimbancos



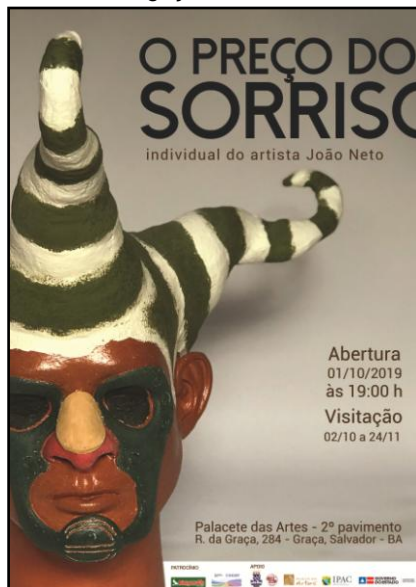
Série Risos



Dual



Cartaz divulgação e foto na abertura



Fotos: Arquivo do autor

Série Marionetes



Série Fantoches



Série Mascarados



Série Pirraça



Série Vulneráveis

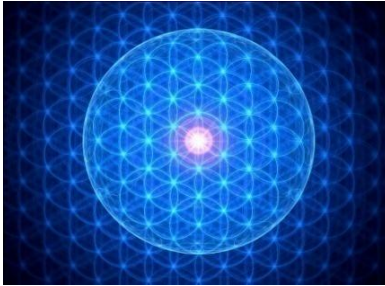


Série Tríade



Série o Choro dos Reis





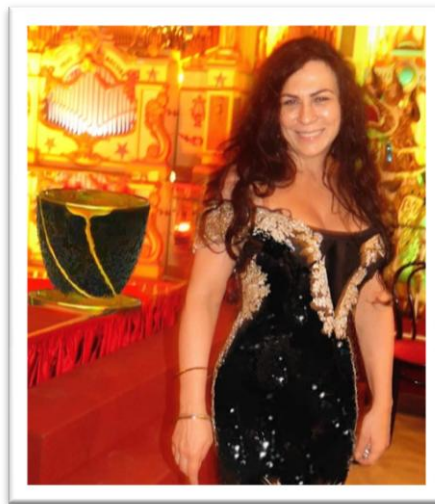
Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 15 - Ano 8 - Nº 15 – 1º semestre/2020
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

3 – O VASO QUEBRADO Uma simbologia profunda do corpo e do espírito



Silvia Helena Cardoso*

Um vaso quebrado. Porém, reparado com pó de ouro, revive novamente, e torna-se ainda mais belo e valioso do que quando era intacto. Esta é uma técnica usada na cultura japonesa quando peças de cerâmica são quebradas.

Sua renovação aborda questões de cuidado, respeito, importância, e valor sentimental com aquele objeto. Essa analogia com objetos quebrados aplica-se também a humanos.

Humanos também podem se "quebrar", ou seja, falharem e "caírem" espiritual ou fisicamente. Por um lado, caírem de um pedestal onde eram seguros, importantes, amados. Porém, reparos com "ouro", como coragem, persistência, busca por novos caminhos e visões, o "consertam" novamente, e isso muitas vezes o torna melhor. Uma pessoa digna, bondosa, que luta pela vida, já é grande. Se ela cai, ela continua grande. Só precisa de reparos. E

esses reparos, muitas vezes o tornam ainda melhor, porque a "cicatriz" no espírito o deixou ainda maior e mais experiente.

Por outro lado, humanos podem se quebrar fisicamente, ou seja, se acidentarem e quebrarem ou cortarem membros do corpo, e ficarem com cicatrizes. Essas cicatrizes deixam de ser feias, se forem vistas como um reparo "de ouro" para aquele corpo que não teria mais esperança se não houvesse quem não usasse uma técnica para fechar o corte na pele ou no órgão. E quem faz isso? Neste caso, não é o artesão. É o médico. O médico é o artesão de corpos quebrados e feridas abertas. Ele repara as lesões no corpo, e deixa sua assinatura no local: uma cicatriz, que representa um "fio de ouro" reparado por ele quando aquele corpo sofreu o trauma da quebra física.

Isso também nos remete a questões como sentimentos de vergonha e baixa autoestima quando uma pessoa tem cicatrizes ou outros

* **Prof. Dra. Silvia Helena Cardoso** – Mestre e doutora em Neurociências pela Universidade de São Paulo, RP Pós-doutorado na Universidade da Califórnia de Los Angeles, EUA. sh@edumed.org.br

defeitos no corpo. Um defeito físico em nada deve afetar a essência do ser. Já dizia Sêneca, há mais de 2500 anos: "A deformidade do corpo não afeta uma bela alma, mas a beleza da alma reflete-se no corpo".

Por essa grandiosa e sábia simbologia da cicatriz, há um prato de cerâmica reparado com um remendo de pó de ouro, em um museu de Kopenhagen, na Dinamarca: o Museu da Medicina.

*
*

Nota da Redação:

Kintsugi é o nome desta arte típica da cultura japonesa, em que são reparadas peças de cerâmica usando uma laca especial misturada com ouro, prata ou platina. Assim, a imperfeição é elevada à categoria de beleza, que faz parte da filosofia japonesa de wabi-sabi – a aceitação do imperfeito ou defeituoso, e chama a atenção para a impermanência da vida, assim como para a necessidade do desapego.



<https://www.amusingplanet.com/2014/05/kintsugi-japanese-art-of-fixing-broken.html>

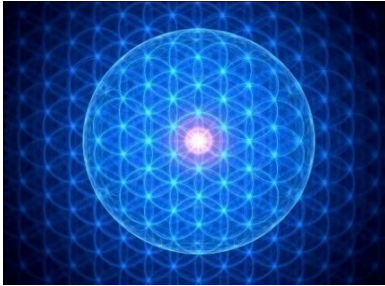


<https://madeinjapan.com.br/2018/01/19/kintsugi-arte-de-aceitar-imperfeicao/>



<http://lounge.obviousmag.org/proparoxitonas/2012/10/kintsugi-ou-a-beleza-da-imperfeicao.html>





Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 15 - Ano 8 - Nº 15 – 1º semestre/2020
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

4 – DAS HARMONIAS POTENCIAIS DAS IMAGENS E OBJECTOS, CASAS, LOCAIS E SERES

Pedro Teixeira da Mota*

Escolhermos num determinado espaço o que o pode fortificar e embelezar e, simultaneamente, harmonizar as pessoas que o vivem, é um desafio valioso mas pouco consciencializado e aprofundado.

Há um potencial perdido quando se dispõem com pouca consideração imagens, quadros, gravuras, objectos, livros, cristais, plantas, tecidos, tapetes, fotografias, prateleiras e móveis, apenas com uma limitada consciência da causalidade de tais escolhas e sem se sentirem ou imaginarem os efeitos mais úteis ou profundos.

Cada objecto e imagem é na verdade um ser ressoante e irradiante, potencialmente tanto uma janela para a sua e nossa multidimensionalidade intrínseca, histórica e relacional como uma flecha ou lança vibrante que nos toca, chega e impacta, se não nos deixamos anestesiar, alienar...

Cada imagem ou objecto é constituído por elementos, átomos, neutrões, prótons e irradia um *quantum* electromagnético, ao qual se associam potencial ou subtilmente, múltiplas informações, forças, ideias e qualidades, dependentes da nossa inter-relação, que as pode sentir e absorver, cuidar e amar. Mesmo ao nível das partículas e ondas da física quântica, comprova-se que o observador

influencia o objecto observado, mas a memória da água, apesar dos sucessos da homeopatia, ou a memória dos lugares e objectos, apesar de tantas descrições de psicometria, intuições e sonhos, não são ainda reconhecidas em termos científicos pela maioria dos cientistas.

Não há ainda, com efeito, dispositivos orgânicos, mecânicos e tecnológicos que meçam ou quantifiquem com rigor científico a vibração irradiante de cada local, casa, imagem e objecto, ícone e livro, bem como a das reacções um ser humano para com eles e em si mesmo...

S. Jorge no Cavalo Amarelo



Por Luama Sócio

* **Pedro Teixeira da Mota** – Licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa. Investigador da Tradição Perene ou da Espiritualidade Universal. Conferencista em vários países e sobre diversos temas. Viveu dois anos e meio na Índia. Foi professor de Yoga, e tem trabalhado como especialista do livro antigo. Dinamizador espiritual. Publicou quatro livros de inéditos de Fernando Pessoa, comentados: *Moral, Regras de Vida e Condições de Iniciação*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1988; *A Grande Alma Portuguesa*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1988; *A Rosea Cruz*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1989; *Poesia Profética, Mágica e Espiritual*. Lisboa, Edições Manuel Lencastre, 1989. Em 1998, o *Livro dos Descobrimientos do Oriente e do Ocidente*. Em 2006, a tradução comentada do texto sânscrito *AstavakraGita, o Cântico da Consciência Suprema*. Em 2008 a tradução (com Álvaro Pereira Mendes), e comentando-a, do *Modo de Orar a Deus*, de Erasmo de Roterdão. E em 2015 um livro de trinta e três ensaios, “*Da Alma ao Espírito*”, Publicações Maitreya. Contato: peommota@hotmail.com e viva.erasmo@gmail.com

E também não há dispositivos que consigam discernir qualitativamente as energias presentes e irradiantes, embora pessoas mais sensíveis possam sentir a melhor ou pior, a maior ou a menor soma ou carga de correntes energéticas e psíquicas que estão num local ou nos objectos, ou as que podem, através deles, serem invocadas, sentidas e acolhidas.

Presentemente, há contudo muita movimentação tendente a quantificar energias subtis por aparelhos tecnológicos, e com bastante mistificação nas aplicações chamadas, por exemplo, de curas quânticas. Também o pretenso discernimento das qualidades de determinados cristais para eventuais curas, muito específicas, entra nas fronteiras da mistificação e da autossugestão, sem pormos em causa a beleza, estrutura sutil vibratória e a ligação de tal cristal com a sua origem, num determinado contexto geográfico, geológico ou até mesmo psicoenergético.

Cristal de quartzo do Gerês



Recolhido pelo autor

Será possível aprofundarmos os nossos conhecimentos destes domínios sutis sem cairmos em mistificações, ilusões, explorações e utilizá-los de modos práticos e úteis? Será possível deixarmos de ver os objectos apenas dos nossos olhos para a sua superfície externa e conseguirmos que o nosso ser e alma entrem com o olhar e intenção, e neles ora permaneçam e se interrelacionem ora acolham contemplativamente a sua irradiação electromagnética ou psíquica, sentindo e intuindo as partículas e ondas, e informações e ligações contidas e circulantes no vasto Campo Unificado de Energia-Consciência-Informa-

ção, a antiga Alma do Mundo que embebe e religa a todos?

Como intensificarmos a nossa observação até ela se tornar verdadeiramente contemplação, comunhão, assimilação?

Na realidade, para estarmos abertos, receptivos e acolhedores a tais campos vibratórios e suas informações, nomeadamente por intuições, sonhos e até visões do olho espiritual, temos de viver mais auto-conscientes e aprofundarmos ou desenvolvermos harmoniosamente as nossas capacidades de empatia, concentração, interiorização, meditação e contemplação...

Deveria ser uma prática diária valorizada contemplar-se durante algum tempo um símbolo, uma gravura, uma lâmina do Tarot, uma mandala (de preferência até nossa), uma planta, uma reprodução de uma obra prima, que nos intriga ou atrai. E anotarmos até depois o que sentimos e intuimos ao longo das práticas.

San-as. Da série Atlântida



Por Maria da Fátima Silva
Fotografia pelo autor, da sua colecção

Todavia, como estamos expostos a tantas obrigações e solicitações, é natural que seja difícil conseguirmos ter esta fidelidade contemplativa. Terá de ser com algo que gostemos mesmo muito. E teremos de activar ou assumir o dito da sabedoria antiga estoica que nos diz: *Sustine et Abstine*, isto é, para conseguires sustentar e apoiar algo, terás de abster-te ou renunciar a outras coisas ou actividades.

Cada vez, ou mesmo contemplar, de uma imagem ou objecto deve então conjurar ou despertar em nós forças de comunhão

dinâmica e harmonizante, e tal acontece se é realizado com diligência, intensidade, plenitude, Amor. O estar no aqui e agora, *hic et nunc*, plenamente. E graças ao *Amor omnia vincit*, o Amor que tudo vence, pois é a sua força unitiva que nos permite estar, sentir, ver, dialogar e conhecer melhor...



De Patricia Giovanna Curcetti

Para além deste aprofundar ou alongar da visão-contemplação, pelo qual se chega a uma unificação interna e frequentemente a resultados intuitivos valiosos, outro dos cinco sentidos pode ser chamado à acção, o tacto e então, através das mãos, acolhemos mais o ser ou objecto que afeiçãoamos e do qual eventualmente sentimos e intuimos suprarracionalmente certas informações.

E tanto entramos nele, pelo que emana das nossas mãos e lhe é dado ou inscrito, como somos penetrados na pele e na aura pelo que deles sentirmos e nos possa vir. Daqui que algumas pessoas ponham por vezes objectos sobre o corpo, o peito e a testa, para os sentir melhor e eventualmente verem imagens interiores significativas. Ou que desenham no corpo formas, símbolos, poemas, carregados de forças e mensagens.

E, claro, o que temos estado a pensar sobre objectos e imagens materiais ou exteriores é também válido para os seres vivos e seus níveis internos e subtis, e assim há pessoas que sentem bem as energias, doenças, sentimentos dos corpos e seres que as suas mãos massajam, tocam ou amam.

Mesmo as imagens cujo significado ou simbolismo nos é mais familiar, e que nos



Recolhido pelo autor

transmitem facilmente suas vibrações e mensagens, não devem ser vulgarizadas, negligenciadas mas apelarem a um acto, espontâneo ou voluntário, de atenção mais sustida de modo a despertar-se ou intensificar-se a sensibilidade interna e a gerar-se mais acolhimento, osmose, compreensão, realização e, assim até, transformações.

Sobretudo as imagens, com ligação familiar e sanguínea, mais impregnadas histórica e afectivamente, podem facilmente transmitir-nos impulsos e intensificar correntes ascensionais e libertadoras dentro da nossa psique, tanto consciente como semi-consciente, se assim as conseguirmos despertar, sintonizar e vivenciar...

Por exemplo, uma fotografia de antepassados, ou de um ser amado, ou nossa em criança, ou a meditação nas imagens de uma certa vivência, facilmente tocam em níveis mais profundos do nosso ser, os quais tanto podem estar no fundo da misteriosa memória, ou quem sabe da coluna vertebral, como também provirem da alma e chegarem até a comunhão das almas no Cosmos multidimensional; e tal será sentido no cimo da cabeça, no coração ou simplesmente na alegria grata que tal vivência suscita e que pode irradiar do peito por todo o nosso ser e aura.

E podem tais imagens ser dispostas com a intencionalidade de ao vê-las podermos mais facilmente enviarmos pensamentos de amor, de avanço no caminho para Deus. E, eventualmente, de recebermos inspirações delas, isto é, dos seres que através da fotografia e lembrança amada nos permitem comungar mais no Amor divino.



Recolhido pelo autor

Embora cada imagem ou objecto espelhe-se e interaja com todo o nosso corpo e alma de muitos modos que nos escapam, se soubermos recolher-nos bem e senti-lo, num concentrar e unificar das nossas múltiplas forças anímicas, poderá haver verdadeiramente uma vivência interior, desabrochadora de conhecimento mais profundo, suprassensorial e unitivo, o qual será fonte de consideração e valorização maior da imagem e de nós e, logo, de fortificação e realização espiritual.

Há, portanto, imagens, em especial objectos pessoais, presentes, cartas, dedicatórias autógrafos, fotografias ou criações nossas em livros artesanais ou de artista que, além de nos remeterem a significações históricas, ideológicas ou espirituais, nos abrem mais o coração e a interioridade sutil amorosa. Já outras imagens há que nos projectam para o Cosmos e o Infinito, tais como certos poemas e mandalas, quadros ou fotografias e essas podem estar até nas partes mais altas das divisões da casa, para quando as olharmos o nosso ver possa continuar numa trajectória ascendente, não limitada já às quatro paredes do quarto e casa mas alargando-se, para além de divisões e janelas, para as qualidades superiores da humanidade, para os níveis mais subtis e espirituais do Cosmos. Já no chão poderão estar pedras, cristais, plantas, "gnomos" e imagens ligadas com a Terra...

O cacto e a sua flor e semente, mandálicos...



Recolhido pelo autor

Quando equacionamos numa casa ou sala, as possibilidades de deixarmos certas imagens ou objectos adquirirem uma preponderância sobre outras, satisfazemos uma latente ou premente necessidade do ser humano: criar mágica e, inspiradoramente, um microcosmos ressoante e interactivo, único, o da ordenação da casa, sala, quarto ou jardim, com os ícones-objectos que dispomos e entendemos...



Recolhido pelo autor

Em grego, *Kosmos* significa um todo ordenado, belo, adornado. E *Macro*, grande, sendo o macrocosmo o grande todo do Universo. *Micro*, pequeno, o nosso mundo, corporal, psíquico, mas também o da Terra. E diz-se então que o ser humano é um microcosmos que reflecte o macrocosmos, sobretudo ao estabelecer as ligações justas entre a Terra e o Céu, entre si e os outros. Neste sentido também a tradição espiritual indiana intuiu e desenvolveu o conceito de *Dharma*, a Ordem do Universo, e o *Swadharma*, a ordem, dever ou missão de cada um, dentro do grande Universo e Dever.

Ora, embora as pessoas tenham cada vez menos tempo para se sentirem (ou assumirem-se, erguerem-se) como microcosmos, bem como para orarem e contemplarem, apenas podendo em geral

ver uns segundos ou minutos cada objecto, levadas na rapidez da luta pela sobrevivência e pela super-comunicação (algo dispersante e tão manipulada...) dos telemóveis e computadores na *web*, em verdade é importante seleccionarmos nas nossas casas algumas imagens e objectos mais fortes e mais capazes de nos remeterem para certo nível e de estimularem as nossas capacidades contemplativas, ou seja, atraírem as nossas energias psíquicas e de as fixarem, harmonizarem, inspirarem, centrarem ou mesmo abrirem, encaminharem para os níveis mais altos e íntimos, de nós e do Cosmos.



Recolhido pelo autor

As mandalas tradicionalmente servem para isso, e poderemos desenhá-las ou construí-las com objectos e distribuí-las no espaço com certas intencionalidades e conforme a cor, forma ou conteúdo tradicional que elas contêm, e estaremos assim a criar pontos intensificadores de modulações específicas, em certos casos sensíveis pelas outras pessoas, tornando a nossa casa mais harmoniosa...

Se considerarmos os locais de trabalho, então também é importante escolhermos estratégica e vibratoriamente (e o *Feng Shui* chinês é uma referência tradicional) o posicionamento, pois sendo nós obrigados a ficar sentados e virados numa direcção, importa escolhê-la bem de acordo com a passagem de energias, bem como seleccionar as plantas e cristais, imagens de quadros, objectos ou seres que serão mais vistas e contempladas e que melhor nos poderão inspirar, penetrar, influenciar.

O ordenarem-se os objectos ou imagens de cada parede de acordo com afinidades temáticas e energéticas será bom, pois concentramos uma certa correnteza numa zona, embora, frequentemente, pelas limitações do tamanho livre das paredes, tenhamos de compartilhar em escada, ou em triangulações, o que podemos dispor de imagens com tais intencionalidades temáticas.

Arranjo altar temporário, com a rainha santa Isabel de Aragão e Portugal.

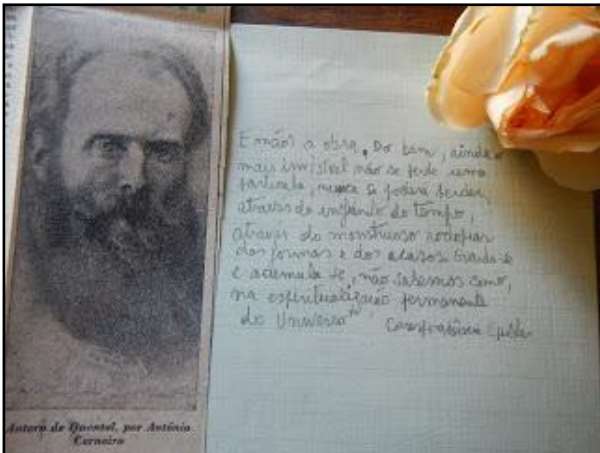


Recolhido pelo autor

Por exemplo, numa parede ou num canto da casa, pelas imagens e os altares, pode estar mais a nossa conexão com a Natureza, a terra, a água, o fogo, as plantas. Ou com o Cristianismo, católico ou ortodoxo (este, tendo tido um aprofundamento fabuloso da teoria do ícone), o Budismo, o Hinduísmo, o Shintoísmo, o Sufismo, etc. Noutra ainda com a família, com a tradição espiritual nacional, com o princípio feminino, com os Anjos, etc. Ou então tripartindo a parede e ordenando esses três núcleos em escalas e graus do amor que sentimos.

Quem gosta mais de certos escritores ou artistas, ao ter e ao contemplar as suas obras, retratos, livros ou frases, poderá comungar com eles, inter-relacionando-se num diálogo criativo e até performativo (dança, ritual, canto), que pode conseguir vencer ou diminuir as limitações espaço-tempo e sujeito-objecto, eu-tu, desiderato sempre essencial e íntimo da arte de comunicar bem com as imagens e seres, para chegarmos mais ao amor e a uma maior visão e vivência da Unidade divina da consciência e do espírito e, portanto, a um melhor e mais profundo relacionamento com os outros seres, vivos ou já desencarnados e com o Todo.

De tal continuidade dialogante, mantida com fidelidade ao longo dos meses, se pode gerar escrita ou criatividade valiosa, completando anseios e testamentos dos que nos antecederam ou desenvolvendo as nossas próprias criativas asas, objectivos e missões...



Recolhido pelo autor

Um bom nível interno de relacionamento com objectos, imagens, árvores e seres é conseguirmos ter imagens deles no nosso coração ou interior, as quais podem ser vistas de olhos fechados, e que portanto sabemos de cor, no cor-(e)-acção. Com tais imagens ou símbolos que mais nos dizem poderemos caminhar ao longo do dia sob o céu azul ou enevoado, lembrando-nos deles mental ou animicamente, associando-os até com algum *mantra* ou *mudra*. Ou levá-los conosco no além...

E, tal como algumas pessoas levam pendurado ao pescoço ou no bolso, um colar, joia ou cristal, símbolo ou talismã, bem carregado de amor e aspiração, e que de algum modo fortifica o seu campo bio-psíquico e a lembra e propulsiona a participar de certas associações e consciencializações, assim avançamos e irradiamos nós relembando esse símbolo, o qual pode ser, por exemplo, a estrela de cinco pontas, a cruz, a árvore cósmica, o yin-yang, o sol, a lua, etc., gerando com tal diálogo e comunhão fortalecimento do nosso ser e suas ligações superiores.

Nesta escolha de imagens interiores, ou apenas para a contemplação de olhos abertos, mandalas (que bem nos centram neuronal e psiquicamente), símbolos, pinturas e desenhos de mestres espirituais serão sempre das mais apropriadas por toda

a geometria sagrada e a espiritualidade perene que as envolvem, embora cada ser realize as suas intensificações amorosas através das formas artísticas e naturais especificamente mais afins de si.

Mandala



Por Leonor Beltran

Tais associações podem ser invocadas inicialmente nas nossas orações-meditações. Ou podemos meditar de quando em quando nelas, sentindo ainda nesse processo quais serão as que se evidenciam como mais operativas e eficazes no nosso momento ou estação peregrinante da vida criativa e evolutiva.

Quando meditamos mais e buscamos o espírito, com a ligação maior a um ou outro grande ser, seja certa força seja a imagem dele pode surgir dentro de nós e tal é simultaneamente imagem do nosso espírito e do espírito dele, e da própria Divindade, Divindade que é o nível mais elevado e profundo de tudo.

Em cada meditação ou contemplação poderemos sentir ou discernir a partir da unificação interior e verticalização quais os impulsos que nos são dados, as qualidades e energias a desenvolver, os seres e projectos a trabalhar e comungar, o como harmonizar melhor tudo o que nos rodeia, religando-nos mais com a Divindade...



Recolhido pelo autor

Assim cada alma intuirá e depois aplicará o que poderá ser mais luminoso para ela e os outros seres do planeta...

Saibamos então estar harmoniosamente nas nossas casas e ambientes de trabalho, limpando-as de inutilidades e desarmonizações, dispondo nelas mais formas redondas e orgânicas do que só as quadradas e rectangulares, aumentando a paleta cromática visível, consciencializando-nos das zonas de luz e de sombra e intercomunicando em amor e sabedoria fecunda com todos os seres e objectos que nos rodeiam, de modo a gerarmos ambientes bons para todos os seres que neles estiverem. E para que tais objectos e ambientes, de vida inanimada ou animada, se sintam mais amados e numa maior perfeição irradiante, e assim a nossa alma poder estar mais alargada ou expandida... Será bom conservarmos permanentemente a consciência e a dinâmica de sermos ordenadores embelezadores e assim saberemos limpar e cuidar os ambientes e locais por onde passamos como se fossem também nossas casas e locais de trabalho e harmonização.

E que dizer então dos nossos campos, jardins e praias tão atulhados por vezes de plásticos e lixo, que verdadeiramente verdadeiras cruzadas ou guerras santas nos pedem e que muito rápida ou facilmente nos fazem sentir gratamente partes da grande mandala bela da Gaia, ao executarmos tais tarefas manuais, ainda algo menosprezadas, pese o despertar planetário de consciência ambientalista dos últimos anos?

Será bom ainda termos os nossos símbolos preferidos, ou as imagens de que

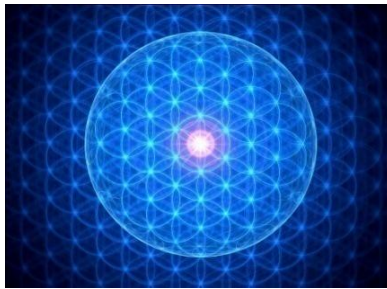
mais gostamos, ou as ligações subtis dos seres mais amados, próximas de nós, para antes de adormecermos contemplarmos alguma, e para com regularidade a meditarmos e assim a deixarmos vibrar em nós, harmonizando-nos, inspirando-nos, orientando-nos...

Sejamos então mais dinamizantes das melhores qualidades do ser e dos seres e coisas, no *Dharma* ou Ordem e Cosmos de origem Divina, que engloba os múltiplos planos do universo em que somos e vivemos, nomeadamente o físico, o energético, o psíquico e o espiritual, aspirando a que a Divindade, os Mestres e seres espirituais, e o seu Amor, Vontade Bem, estejam cada vez mais vivos e criativos em nós.

Lux in tenebris, de Bô in Râ, livro *Welten*. Diante, um tipo de *hogeí*, purificador e religador, do Shintoísmo



Recolhido pelo autor



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 15 - Ano 8 - Nº 15 – 1º semestre/2020
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

5 – CONGRESSO INTERNACIONAL FELICIDADE ESPIRITUALIDADE: DESAFIOS E VALORES DO SÉCULO XXI – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES (Goiás-GO, outubro de 2019)

Dalila Lubiana*

Origami – 1 Milhão de Tsurus

Os tsurus, o Congresso Internacional, os livros e os projetos para 2020



Um vídeo com o canto dos tsurus e o de Pierre Weil: **há paz em você** emocionou a plateia nos primeiros minutos do início do congresso. Uma homenagem e gratidão ao legado deixado pelo fundador das instituições Alubrat e Unipaz, novamente parceiras de um evento que sempre o encantou. A homenagem e agradecimento se estenderam também aos conferencistas e a todos os “tsuruzeiros” no Brasil e no mundo.

Antes de adentrarem o salão das conferências, os participantes foram recepcionados por três mandalas sagradas, duas com 144 tsurus e outra maior, medindo três metros e meio de diâmetro, composta por doze mil pássaros, muitos anjos, flores de lótus e mais outros elementos para honrar a ancestralidade, os elementos, as direções, as tradições, as raças, enfim, honrar a todos e a tudo. Por onde se fosse, havia a energia leve, acolhedora e feliz dos milhares de

tsurus espalhados harmoniosamente pelos enormes espaços do Centro de Convenções.

Mandala Sagrada com 12 mil tsurus



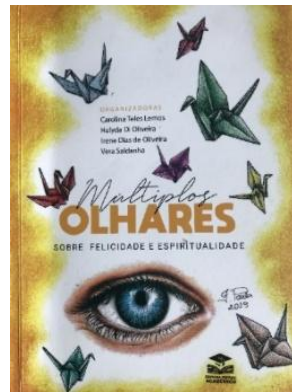
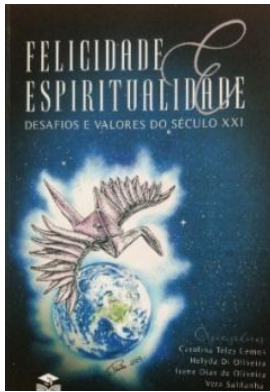
Fotos: arquivo da autora

A colheita do *Congresso Internacional Felicidade Espiritualidade: desafios e valores do século XXI* foi profícua. Houve lançamento de dois livros compilados com os temas apresentados pelos conferencistas nacionais e internacionais e muitas outras obras

* **Dalila Lubiana** – Educadora, pesquisadora, Mestre em Ciências da Educação; Especializações em: Gestão da educação, em Psicopedagogia, na Formação Holística Transdisciplinar e em loga; Formadora de Facilitadores da metodologia "A arte de viver em paz" e "A Arte de Viver a Vida" do professor Dr. Pierre Weil/Unipaz; Membro do Colégio Internacional dos Terapeutas; Master em programação neurolinguística; Autora do livro "Liberdade atrás das grades – pedagogia social, política pública e cultura de paz"; Ganhadora do Prêmio Cidadania Mundial da Comunidade Bahá'í. dlubiana@gmail.com

individuais. A apresentação de um projeto maior de dobraduras: *1 Milhão de Tsurus* e a continuidade ao *Projeto das Mandalas Sagradas*. A atuação do Colégio Internacional dos terapeutas (CIT) e muitos encontros e acontecimentos fizeram desse evento algo memorável e deixou na maioria dos 1.337 participantes, ao retornarem às suas cidades de origem, um sentimento de completude.

E, como não podia deixar de ser, lá estavam também os pássaros nas capas e dentro dos livros.



A escolha do tsuru

O tsuru inspirou, enfeitou, encantou e foi o símbolo do Congresso Internacional que acolheu, aproximadamente, mil e quatrocentas pessoas em Goiânia-GO. Segundo Oliveira e Saldanha (2019), “[...] o tsuru foi escolhido, pois reaviva a memória de que para voar são necessárias duas asas” (LEMOS et al., 2019, p. 9). E, guiadas pelo encantamento e inspiração pelo pássaro, prosseguem Oliveira e Saldanha (2019):

Simbolicamente, ele convida para o reconhecimento da integração das polaridades da ciência e da consciência, da razão e da sabedoria, da luz e da sombra, do imanente e do transcendente, representando a superação das polaridades. Mas isto só não é suficiente. Para voar é preciso estar inspirado, é necessário ir além, desprender-se do velho modelo das crenças limitantes da individualidade e da materialidade tão desenvolvidas na modernidade e o tsuru é um convite para lançar-se em altos voos para o futuro que já se inicia agora (LEMOS et al., 2019, p.9-10).



As autoras aprenderam e também dobraram tsurus. E, ao entrarem no espírito da prática da dobradura e da orientação meditativa e transformadora sugerida pelo *Projeto 35 mil tsurus*, dobrados especialmente para o evento, elas traçaram mais um paralelo entre a ave e a vida, e sentenciam que há algo mais a considerar:

Há um outro detalhe, para o tsuru existir, ele requer cuidado, atenção, plena presença no instante da sua feitura, valorização do detalhe, reconhecimento das dobras e das curvas que a vida oferece. Para dar vida ao tsuru, é preciso abaixar a cabeça, colocar a atenção naquilo que é o detalhe mínimo da dobra no papel que permitirá o voo deste pássaro ser alto, pleno e, sobretudo, conectado com as duas asas de um mesmo sonho. O sonho de um mundo cada vez melhor e de melhores seres humanos (LEMOS et al., 2019, p.9-10).

Elas prosseguem o discurso e fazem a apresentação de cada capítulo do livro que, nessa oportunidade, citaremos apenas os títulos e seus autores.

O primeiro livro: Felicidade e Espiritualidade: desafios e valores do século XXI

O tema Felicidade e Espiritualidade sempre foi e continua sendo desafiador. Como viver a espiritualidade e como ser feliz no mundo atual?

O livro *Felicidade e Espiritualidade: desafios e valores do século XXI*, da Editora Espaço Acadêmico, organizado por Carolina Teles Lemos, Helyda Di Oliveira, Irene Dias de Oliveira e Vera Saldanha, foi lançado no Congresso Internacional de mesmo nome/tema, realizado em Goiás-GO, em outubro de 2019.

Trata-se de uma compilação das conferências de Basarab Nicolescu (Romênia/França), Fritjof Capra (Áustria), Helyda di Oliveira (Brasil), Vera Saldanha (Brasil), Mario Simões (Portugal), May East (Escócia/Brasil), Roberto Crema (Brasil), Regina Fittipaldi (Brasil), Stanley Krippner (USA), Victor Rodrigues (Portugal) Dalila Lubiana (Brasil), Jean Yves Leloup (França). Cada conferencista-autor expressa a própria maneira de refletir o sagrado e apresenta possibilidades de como percorrer as trilhas para o desabrochar da potencialidade humana, para experienciar e impulsionar a paz e a felicidade nos aspectos individual, social e planetário. A obra foi organizada em quatro partes e onze capítulos.

Na parte I, com o mesmo tema do congresso Felicidade e Espiritualidade, Roberto Crema e Hélyda Di Oliveira apresentam o livro e nos brindam com reflexões sobre a Felicidade Plena e o Desafio do Encontro com Espiritualidade e as trilhas da Paz. A doutora Vera Saldanha finaliza essa parte com *Felicidade e espiritualidade: a transdisciplinaridade na AIT*.

A parte II trata da *Visão Sistêmica e Transdisciplinaridade* e temos a visão sistêmica da vida: a ciência para uma vida sustentável, do doutor Fritjof Capra, seguido do doutor Basarab Nicolescu com sua teoria: *Transdisciplinaridade: a esperança para o século XXI*.

A parte III, cujo tema central é *A Revolução Transpessoal*, é iniciada pelo doutor Stanley Krippner, o qual narra experiências transformativas transpessoais. A ele seguem os portugueses Victor Rodrigues e Mário Simões, que nos brindam com a Psicologia Transpessoal do futuro.

Na última e quarta parte, os escritos foram ancorados em: *Rumo à Sustentabilidade*. Os textos “apontam a direção sustentável para o voo do Tsuru” (OLIVEIRA; SALDANHA, 2019, p.14). A primeira escrita é feita por May East – *Uma nova narrativa: limites, borda e estruturas*. Em seguida, Regina Fittipaldi dá seu recado sobre *Ecologia Profunda: portal para o encontro com o sagrado*. O terceiro tema dessa parte é também o símbolo que inspirou o congresso – o tsuru – com o título: *Tsurus: valores e consciência*, da autora Dalila Lubiana. Ela relata o início, os projetos realizados e a proposta dos valores, da leveza e do simples na construção da paz.

Por último, fomos coroados com Jean Yves Leloup, que nos faz recordar que um silencioso e transcultural apocalipse está em curso: o do amor ao bom e ao belo, ou seja, a Filocalia.

Segundo Oliveira e Saldanha (2019), “[...] os artigos deste livro vieram de muitas direções, e estas vozes chegam até nós através de suas pesquisas, de seu trabalho e especialmente por meio de suas próprias jornadas pessoais de vida” (LEMOS et al., 2019, p.14).

Dalila Lubiana autografando para Jean Yves, Lucia Helena



Autografando para Martha Gouvea e Kátia Luz e recebendo o autógrafo de J. Y. Leloup



O segundo livro: *Múltiplos Olhares sobre Felicidade e Espiritualidade*

Um segundo livro – “Múltiplos Olhares sobre Felicidade e Espiritualidade” – foi lançado no *Congresso Felicidade e Espiritualidade: desafios e valores do século XXI*, também da Editora Espaço Acadêmico. Carolina Teles Lemos, Helyda Di Oliveira, Irene Dias de Oliveira e Vera Saldanha organizaram o livro e se utilizaram da mesma dinâmica do anterior, ou seja, cada palestrante abordou sua visão em um capítulo do livro, que foi distribuído entre os temas de cada autor: Marco André Schwarzstein com o tema *A imagem em ação no Deep Memory Process*; Arlete Silva Acciari, Maobe Guimarães Borges Ribeiro e Vania Tanús com *Aplicação da abordagem integrativa transpessoal em grupo terapêutico de professores do ensino fundamental da rede pública*; Sônia Maria Bufarah Tommasi trouxe *Arte, ciência e espiritualidade: uma via para a transcendência*; Bárbara Goloubeff questionou: *Compaixão é para todos?*; Thamires da Silva Ribeiro com o tema *Jornada de produção de conhecimento na abordagem transdisciplinar holística*; Marilu Monteiro, Francisco Antônio Pereira Fialho com *Mitos e contos de fadas no resgate do sagrado feminino: uma contribuição da psicologia profunda de Jung*; Iuri Crema falou sobre *Os efeitos da prática de meditação e mindfulness como mediadores da percepção e reação ao estresse*; Daniela Rossi com sua *Pedagogia sistêmica para uma cultura de paz*; Arlete Silva Ácciari, Leni de Fátima Zecchini Lopes, Márcia Aparecida Antônio com o tema *Prática educacional no curso de medicina: exercício dos valores franciscanos no ensino médico numa abordagem transpessoal*; Margareth Rose de Araújo Gusmão com *Sons e mantras em tantra yoga: coadjuvantes no tratamento psicoterápico*.

Um pouco mais sobre o capítulo tsurus

No penúltimo capítulo do primeiro livro, foi abordado o tema *Tsurus, Valores e Consciência*. Um trabalho que parece brincadeira, mas não é só isso, tem um propósito além do espaço brincante. O tsuru é um tipo de origami em forma de pássaro. Origami é uma arte japonesa de dobrar papel. Recheada de histórias e lendas, essa

ave representa a felicidade, a paz, a saúde, a longevidade e a boa sorte.

O artifício da ave é utilizado para trabalhar com pessoas de 7 a 94 anos em empresas, escolas públicas e privadas, prisões, ONGs, em grupos particulares ou individualmente num processo para o autodesenvolvimento, introspecção e transformação de emoções perturbadoras em sentimentos altruístas, conscientizando para um viver pleno e pacífico. A meditação dinâmica, a arte, o relaxamento e muitas outras técnicas estão presentes em todo o processo. Apesar de o início dos trabalhos ter-se dado em 1997, somente os projetos sistematizados desde 2016 foram relatados nessa oportunidade.

Foi descrito também o *Projeto das Mandalas Sagradas*, montadas com os tsurus, flores de lótus e outros objetos, bem como apresenta sua pesquisa bibliográfica e depoimentos dos participantes sobre os benefícios, físicos, psicológicos e outros que o projeto tem propiciado.

A oportunidade do congresso e do lançamento do livro foi aproveitada para lançar também um programa com outros projetos, entre os quais o de dobrar, numa primeira etapa, 144 mil pássaros, seguindo para um milhão de tsurus, ambos divididos em pequenos projetos. Esses serão executados em várias etapas até alcançar o intento.

O último projeto realizado com 35 mil pássaros foi exclusivo para a decoração do Congresso Internacional em Goiás. Os tsurus também serviram de inspiração na arte das capas de ambos os livros lançados na ocasião, como podem ser vistos nas imagens acima.

A execução dos projetos, como já citado, tem uma abordagem transdisciplinar. São passados conceitos advindos do Ocidente e do Oriente, em especial da ioga, das cinco sabedorias do budismo tibetano, das sete artes de Pierre Weil e da física moderna.

Os interessados são convidados a se integrarem aos projetos e a se inscreverem pelo site www.1milhaodetsurus.com.br ou fazer contato pelo WhatsApp + 55 27 99920-6176.

Há um projeto em curso para 2020, que se divide em dois: um internacional que acontecerá em San José, na Costa Rica, em agosto; e o outro nacional, em Brasília-DF, em setembro, que será exposto com mais detalhes a seguir.

Dalila e os grandes colaboradores Rui e Márcio



PROJETOS TSURUS PARA 2020: nacional e internacional



Em 2020, dois novos projetos de dobraduras, seguidos de dois projetos de Mandalas Sagradas e dois projetos de Senbazurus

Iniciadas as dobraduras em dia 10 de janeiro de 2020, o produto final delas será destinado ao grupo *World Education Conferences (Wecon)* e à Rede Internacional para uma cultura de paz (Unipaz).

Wecon – Educação do futuro, o evento acontecerá de 3 a 5 de agosto de 2020, em São José, na Costa Rica, e contará com a participação especial do reitor da Universidade da Paz da Costa Rica e do reitor da Unipaz – Rede Internacional por uma cultura de paz do Brasil e muitos outros convidados.

Em Brasília-DF, acontecerá nos dias 5 a 7 de setembro o Encontro Imaginal: o resgate da alma do mundo.

Tsurus, valores e consciência Em San José, Costa Rica e em Brasília, Brasil

(Orientações para as escolas de São Paulo-SP e para as demais instituições e pessoas que dobrarão conosco)

Há mais de 20 anos dedicando a vida para encontrar forma de ajudar pessoas a viver melhor, a se autodesenvolverem, a superar seus conflitos e suas limitações, a concepção do projeto 1 Milhão de Tsurus foi um chamado interior de sintetizar e compartilhar com muitas pessoas o que foi aprendido ao longo da jornada de estudos, práticas e ensinamentos pelo Brasil afora. Foi imperativa a ideia de ensinar de um jeito simples, leve, divertido e de ser algo possível e acessível a todos que desejem estar mais em paz. O sonho tomou forma utilizando, como pano de fundo, a técnica japonesa que



vem inspirando há mais de vinte anos, o origâmi, a dobradura de papel, mais especificamente o tsuru. Além da simplicidade, a sua execução pode acontecer em qualquer local e ocasião, basta apenas boa vontade, determinação e um pedaço de papel.

Dobrar o origâmi em formato de ave, o tsuru, que simboliza, como dito acima, a felicidade, a paz, a saúde, a longevidade, a boa sorte, vem ao encontro das aspirações de todo ser humano. Assim, observar a si mesmo, a própria respiração, fazer contato com as emoções perturbadoras e perceber a possível mudança é um passo firme para ver florescer os valores universais e o encontro da própria essência de cada um.

Desde o início dobrando, distribuindo, ensinando, observando as reações, comentários e encantamento das pessoas ao receberem, ao aprenderem e ao saberem o significado, os benefícios físicos e psicológicos da arte da dobradura, e, ao mesmo tempo, tendo conhecimento da crise ética, sem precedentes, no meio político e nas organizações que assolaram o Brasil e o mundo nos últimos anos, ante o crescente índice de suicídio, o aumento de casos de angústia e ansiedade em pessoas, especialmente em crianças e adolescentes, as insônias, o déficit de atenção, tudo isso foi o *start para* o projeto criar corpo em 2016.

O tsuru, conforme já mencionado, é o mais popular formato de todas as dobraduras. Tem simbologia, história e lenda próprias, além de encantar quem recebe uma ave dobrada como presente, conforme dito acima. Tanto proporciona vários benefícios a quem dobra quanto possibilita desenvolver interação entre pessoas, grupos, nas disciplinas escolares, como: português, arte, matemática, biologia, e outras - um alcance transdisciplinar. A técnica auxilia a criatividade, a concentração, a memória, a autoestima, o raciocínio lógico. Os resultados não são diferentes na educação especial. Os registros de Joelma Trindade Lima afirmam efeitos animadores, ao aplicar o origâmi: "Além da lógica matemática, estimulava a imaginação, a criatividade, a paciência, e a coordenação motora fina e ainda facilitava no processo de integração do grupo" (LIMA, 2014) (LUBIANA, 2019, p. 188-9).

O projeto 1 Milhão de Tsurus está sendo tecido por muitas mãos, é subdividido em vários outros projetos menores, além das

dobraduras, tem o intuito de oferecer palestras, *workshops*, seminários, imersões e formar facilitadores e multiplicadores para orientar, de forma mais eficaz, a tomada de consciência das emoções negativas, da mente agitada, além de contribuir para a mudança de um estado emocional perturbador para um estado altruísta, harmônico e entusiasta ao longo da vida.

Ademais, busca lidar e gerir melhor os conflitos intrapessoais, interpessoais, intragrupo e intergrupais e dissolvê-los de forma eficaz, bem como incentivar que o propósito de vida de cada um seja perseguido e se torne um aprendizado com esforço equilibrado, contínuo e crescente, rumo às aspirações mais profundas de felicidade, de cultivar os valores, ter atenção plena, aceitar as mudanças, pacificar mentes e corações, alcançar paz interior e social. Tudo isso também faz parte do Programa Tsurus, Propósito, Valores e Consciência em que está inserido o projeto das dobraduras.

Quem dobra e como se sente ao dobrar

Pessoas de empresas, escolas públicas e privadas, comunidades, Ongs, prisões, famílias, grupos de amigos, pessoas sozinhas, com idades que variam de 7 a 94 anos participam desde a implantação e início do projeto e expressam, em palavras, o que sentiram: unidade, verdade, beleza, bondade, justiça, generosidade, compaixão, amor, gratidão, inteireza, serenidade, alegria, paz.

Poema

Um poema intitulado "**Por que dobro origâmi**" traduz um pouco a ideia do propósito das dobraduras. O poema está transcrito a seguir ou pode ser acessado em: www.1milhaodetsurus.com.br

A que se destina

O projeto destina-se a pessoas (crianças, jovens, adultos e terceira idade) que queiram aprender, interagir com os outros, autoconhecer-se, auto desenvolver-se, brincar, gerir e resolver conflitos, viver de forma mais consciente, plena, harmônica, feliz e em paz.

Resultados

Os resultados são percebidos em todos os locais, independentemente de idade, local, condição social, crença. As expressões

advindas das escolas são as mais expressivas, pois há a focalização e cuidado de professores em anotar e relatar os fatos.

Em 2020

O desafio deste ano é dobrar mais 24 mil tsurus (para se juntar aos 72 mil já dobrados), composto de dois projetos, de 12 mil cada um, que seguirão para dois eventos educativos, já mencionados, a saber:

1) San José na Costa Rica, no encontro: Educação do Futuro do **World Education Conference – Wecon**;

2) Brasília no Distrito Federal, no **Encontro Imaginal** - a cura do centro da terra, da Universidade da paz – **Unipaz**.

PAPÉIS: tipo, tamanho e cores:

Projeto 1

Papel Offset (sulfite) 56 gramas ou Chamex 75 gramas ou outro similar (com gramatura parecida a esses)

Tamanho do papel (quadrado):

- 3cm x 3cm ou
- 4cm x 4cm

Cor: branca

(Sugestão: cortar em gráfica ou copiadora - dar preferência às sobras de papel.)

Projeto 2

Papéis reciclados (revistas, jornais, fôlderes, poemas, poesias, convites etc.) que contenham boas notícias e belas imagens que despertem bons sentimentos e elevem o ânimo/o ser.

Tamanho do papel/Tsuru:

- 7cm x 7cm ou
- 12cm x 12cm ou
- 24cm x 24cm ou
- 48cm x 48cm (jornais ou fôlderes grandes).

Sugestão: fazer o molde quadrado de cartolina ou papelão nos tamanhos indicados, para que facilite o corte de seu papel de dobradura. Melhor ainda: juntar muitos papéis e levar a uma copiadora ou gráfica para cortar uma quantidade maior.

Tutorial

Há formas diferentes de dobrar o tsuru. A que optamos como modelo para nosso projeto está disponível em: <https://dalilalubiana.com.br/35-mil-tsurus/>

Há versão para dobrar em três etapas e uma com todo o processo.

Quantidade e cadastro

Para participar do projeto, é preciso definir a quantidade de tsurus e quais tipos (uma ou mais opção) que cada pessoa, grupo ou escola vão dobrar e informar pelo WhatsApp número **+55 27 99920-6176** e cadastrar cada pessoa do grupo no site www.1milhaodetsurus.com.br

Prazo para enviar os tsurus

30 de maio de 2020

Como enviar:

Os tsurus serão enviados, via ECT/correios. O endereço de destino será informado oportunamente.

Sugestão: enquanto vai dobrando, vá registrando e escrevendo sobre seus sentimentos e suas percepções e encaminhe suas anotações ao remeter os tsurus aos seus destinos.

Opcional

Escrever a lápis, por baixo da asa do pássaro, seu nome, idade, sigla do Estado (exemplo: André, 9, SP) e, na outra asa, uma palavra que melhor resuma o seu sentimento ao dobrar e/ou desejo para todos e tudo (Ex.: alegria, paz ou outra).

Visualização – antes de iniciar a oficina, ou a primeira dobradura (algo mais que uma simples dobradura)

No Projeto Tsurus, Valores e Consciência – 1 Milhão de Tsurus –, não basta apenas dobrar o pássaro. Antes de iniciar, é preciso parar, observar, olhar dentro de si, distinguir o que sente, nomear as emoções (medo, raiva, ansiedade, angústia, impaciência, alegria, amor...). Respirar e dar um comando para si mesmo: acalme!... Acalme!...

Acalmar, aquietar, respirar. Colocar atenção nas narinas e observar o movimento do ar: entrando... e saindo... três vezes. Em seguida, observar por instantes o caminho desse ar até o seu abdômen e o movimento de expansão quando o ar entra (a barriga sobe) e de contração, quando o ar sai (a barriga murcha).

Continue por mais alguns instantes com foco na respiração e gentilmente crescente

o comando a todas as partes do seu corpo: acalme..., acalme... e perceba cada parte do seu corpo, cada célula, do topo da cabeça aos pés, acalmado.

Observe sua mente! Perceba como ela também saiu da agitação e se acalmou. O que você sente agora? Deixe vir uma palavra do que você está sentindo agora (serenidade, paz, amor, sono, relaxamento, alegria, gratidão...).

Pegue o papel e calmamente inicie sua dobradura, lembre-se de seu desejo pessoal (algo que você queira alcançar: ser mais amável, corajoso, paciente, etc.).

Inicie! Vá dobrando seu pássaro.

Pássaro pronto!

Perceba o que sente. Acolha o sentimento e deixe-o tomar conta de todo seu corpo e compartilhe essa tranquilidade, essa paz, alegria com tudo e todos. Imagine esses sentimentos crescidos de amor e gratidão para seus pais, avós e todos que vieram antes de você. Seus mestres e pessoas de todas as religiões, raça, cor, credo. Honre-os! Pense em seus vizinhos, amigos, pessoas de sua cidade, de seu país e de todo o planeta. Visualize líderes éticos, competentes, íntegros, honestos, compassivos que visem ao bem comum. Pense e vibre o melhor para todas as pessoas que dobram tsurus neste projeto, que cada um alcance o próprio intento e finalmente visualize o globo terrestre flutuando no espaço, envolvido por esses sentimentos amorosos.

Agradeça a experiência!

E dobre mais um tsuru repetindo e dobrando quantos quiser.

MAIS DOIS PROJETOS

O Projeto Mandala 2020

Duas mandalas com os tsurus e outros objetos serão criadas com os critérios de sempre: preces, incensos e sons sagrados para fortalecer e potencializar os pedidos individuais de cada participante das dobraduras e pedidos coletivo do projeto, em síntese, que todos os seres sejam felizes e estejam em paz. E o que é uma mandala?

O termo mandala em sânscrito, idioma antigo da Índia, significa roda ou círculo; em outro sentido, é tido como concentração de energia. Simboliza também harmonização e integração. A técnica foi muito

utilizada por Carl Gustav Jung, criador da psicologia analítica. Para ele, a mandala expressa o inconsciente do seu autor, ou seja, ela representa simbolicamente a totalidade. Ele pesquisou essa simbologia nas tradições orientais e sentenciou: 'A palavra sânscrita mandala significa 'círculo' no sentido habitual da palavra. No âmbito dos costumes religiosos e da psicologia, designa imagens circulares que são desenhadas, pintadas, configuradas plasticamente, ou danças' (JUNG, 2002). Mandala foi também definida por Green (2005) como '[...] o círculo da essência [...]' ou ainda '[...] o que contém a essência' (LUBIANA, 2019, p. 193-194).

Além da mandala é costume em nossos projetos, seguir outro costume de origem japonesa, ou seja, não só compartilhar as intenções, mas também enviar fileiras de aves com o pedido de paz.

O Projeto Senbazuru Hiroshima – 1.000 aves voarão para o Japão

A primeira menção sobre a tradição senbazuru, ou seja, “das mil garças se encontra relatada no livro “Senbazuru Orikata” (dobradura de 1.000 garças) de RoKo An, publicado em 1797” (HORIUCHI, 1995, p. 11). É comum enfileirar os mil pássaros em um cordão, o senbazuru, e remetê-los à Praça da Paz, em Hiroshima. Desde o primeiro grande projeto, em 2017, essa prática foi adotada. E, como no dia seguinte ao término do evento em San José na Costa Rica, 6 de agosto, tem-se a data histórica em que foi lançada a bomba atômica no Japão, em 1945, serão convidadas pessoas a auxiliar na execução dos fios de tsurus para futuro envio àquele país, simbolizando a esperança de todos os tsuruzeiros do projeto por um mundo mais justo e amoroso.

Quando centenas e milhares de guindastes de papelsão dobrados (origami) e enfiados juntos – o senbazuru – eles simbolizam a esperanças de todos os seus alunos e representam seus talentos individuais. Quando combinado para formar o senbazuru, eles representarão as conquistas coletivas da escola comunidade (SENBAZURU, jan., 2020).

Os tsurus serão remetidos com o voto sincero de cada participante: Que a paz prevaleça no mundo!

Sugestões de sons ao dobrar:

- Ficar em silêncio, ao som da própria respiração ou
- Optar por ouvir músicas sagradas, mantras de que você goste e que acalmem, ou outras que tragam harmonia, paz e bem-estar, tais como: Grandioso és Tu (Quarteto Castelo Forte); Jesus, alegria dos homens (Bach); Jesus de Nazaré (Pe. Zezinho); Se eu quiser falar com Deus (Gilberto Gil); Drão (Gilberto Gil); Bolero de Ravel, Glory, mantras das grandes tradições espirituais e outras.

REFERÊNCIAS

GREEN, Shia. **El libro de los mandalas del mundo**. Santiago, Chile: Océano, Âmbar, 2005.

HORIUCHI, Kazuko. **Origami em calendário**. Curitiba-PR: Fundação Japão, 1995.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2002.

LEMOS, Carolina Teles (Org.) et al. **Felicidade e espiritualidade: desafios e valores do século XXI**. Goiânia-GO: Editora Espaço Acadêmico, 2019.

LUBIANA, Dalila. Tsurus: valores e consciência. In: LEMOS, Carolina Teles (Org.) et al. **Felicidade e espiritualidade: desafios e valores do século XXI**. Goiânia-GO: Editora Espaço Acadêmico, 2019, p. 183-201.

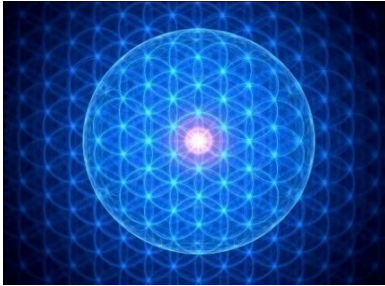
SENBAZURU: **Details and Instructions - 1000 Folded cranes South West students Project**, Janeiro 2020. Disponível em: <https://www.plymouth.ac.uk/uploads/product/production/document/path/1/1323/Senbazuru_Details_and_Instructions.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2020.

Momento do agradecimento com alguns dos parceiros que auxiliaram na execução na mandala de 12.000 pássaros.



Senbazuru





Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 15 - Ano 8 - Nº 15 – 1º semestre/2020
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

6 – PORQUE DOBRO ORIGÂMI

Dalila Lubiana*



Não sou poeta, nem artista, tampouco cantora, por isso dobro origâmi.

Em cada dobra, eu dobro meus inimigos: a minha mente agitada, o meu corpo descuidado, as minhas emoções perturbadoras: a minha raiva, o meu orgulho, o meu apego, a minha aversão, a minha inveja, a minha insaciabilidade, a minha insegurança, a minha empáfia, a minha intolerância, as minhas expectativas, os meus preconceitos, os meus medos, o meu desamor e a minha ignorância. Alongo... Silêncio... Tomo o papel... Mergulho no alento... observo com clareza!

Dobro uma flor-de-lótus para evocar minha natureza numinosa,
 Enquanto transito no lamaçal, ilusório, desta existência.

Dobro tsurus, milhares de tsurus, para pacificar meus pensamentos, minhas palavras, minha vontade e minhas ações. Em cada dobra eu posso sentir o toque, nem sempre suave, do vento da mudança. Posso exercitar a virtude da compreensão

para, mais tarde, não ser preciso perdoar. Em cada dobra posso libertar minha criança, esquecida nos porões do cárcere da minha rigidez, e aliviá-la no espaço aberto da vida-brincante.

E, ainda, em cada dobra, eu posso preparar a grande partida de forma mais serena como foi estar aqui, neste breve interregno existencial.

Dobro tsurus para lembrar que ser feliz é apenas uma decisão
 E que tenho asas e posso voar para um voo livre e pleno no devir.

Posso girar o mundo nas asas desse pássaro e da minha imaginação,
 Levando um coração-sol no bico,
 Iluminando e espalhando os méritos que recebo para todos e para tudo.

Dobro tsurus para recordar que o bem mais precioso, o sopro, me é dado de graça, que posso inspirar... expirar... acalmar... afastar as mazelas,

* **Dalila Lubiana** – Educadora, pesquisadora, Mestre em Ciências da Educação; Especializações em: Gestão da educação, em Psicopedagogia, na Formação Holística Transdisciplinar e em loga; Formadora de Facilitadores da metodologia "A arte de viver em paz" e "A Arte de Viver a Vida" do professor Dr. Pierre Weil/Unipaz; Membro do Colégio Internacional dos Terapeutas; Master em programação neurolinguística; Autora do livro "Liberdade atrás das grades – pedagogia social, política pública e cultura de paz"; Ganhadora do Prêmio Cidadania Mundial da Comunidade Bahá'í. dlubiana@gmail.com

para que o sofrimento se desfaça.
 Dobro tsurus para acordar a chama em
 corações ainda adormecidos
 Dobro tsurus para sentir a grande presença
 que habita em mim:
 no prazer do toque do papel na pele dos
 meus dedos;
 na felicidade que sinto em minha alma;
 na alegria que transcende inefável, sendo
 apenas aquilo que sou.
 Dobro tsurus para honrar e agradecer aos
 ancestrais e mestres e partilhar o que
 aprendi.
 Mas sobretudo eu dobro tsurus para aliviar a
 dor e calar o pranto
 daqueles que estão por aí, sedentos por
 serem vistos, por apenas um: "Te vejo".
 E finalmente dobro tsurus para dizer-lhes:
 "estou aqui".

**Não sei fazer verso, poema, show nem
 canção!**

**Mas sei que, em cada pássaro, pulsa
 poesia, pulsa vida, pulsa som.
 Pulsa paz, pulsa saúde, pulsa felicidade.
 Pulsa consciência, pulsa silêncio, pulsa
 amor e pulsa gratidão.**

Venha dobrar conosco!
 Participe dos próximos projetos!
www.1milhaodetsurus.com.br



WHY I FOLD ORIGAMI

Dalila Lubiana

**I am no poet, nor artist, much less singer,
 therefore I fold origami.**

With each fold, I bend my foes:

my restless mind, my neglected body, my
 disturbing emotions: my anger, my pride, my
 attachment, my aversion, my envy, my
 untiring greed, my insecurity, my
 haughtiness, my intolerance, my
 expectations, my prejudices, my fears, my
 disaffection, my ignorance.

I extend!... I hush!... I grab the paper sheet!...
 I dive to take breath... I observe with
 clearness!

I fold a lotus-flower to call upwards my
 numinous (pure) nature
 While crossing this illusory, muddy existence.

I fold tsurus, thousands of tsurus,
 to appease my thoughts, my words, my will,
 and my actions.

With each fold, I can feel the touch, not
 always soft, of the changing wind.
 I can practice my understanding virtue, so
 that I don't have to forgive later.
 With each fold I can set free my inner child,
 forgotten underneath the prison of my
 rigidity, and ease her out into life's open
 playground.
 Moreover, with each fold I can prepare a
 leave, more quietly than it was to be here,
 during this short life-span.

I fold **tsurus** to remember that to be happy is
 just a decision
 And that I have wings and can fly towards a
 free and plentiful flight in the hereafter.
 I can cross the world over the wings of that
 bird and of my imagination,
 Carrying a sun-heart on the beak,
 Illuminating and spreading the merits I
 receive for all and everything.

I fold tsurus to remember that the most
 precious gift, breath, is given me free,
 that I can inhale... exhale... calming myself
 down... keeping evils away,
 so that suffering eventually disappears.

I fold **tsurus** to awaken the flame in hearts still
 asleep
 I fold **tsurus** to feel the great presence
 dwelling inside myself:
 through the pleasure of paper touching my
 fingers' skin.
 through the happiness I feel within my soul;

through the transcending, unspeakable joy,
for just being what I am.

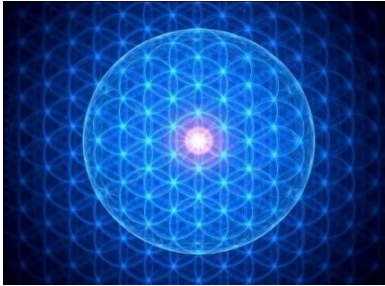
I fold **tsurus** to honor and thank ancestors
and masters, sharing what I've learnt.
But, above all, I fold **tsurus** to mitigate the
pain and to silence the cry
of those people around, craving to be seen,
craving to just one: **'I see you'**.
Finally, I fold **tsurus** to tell them: **'I am here'**.
**I don't know how to versify, to make a
poem, a show, or a song!**
**Yet, I know that, within each bird, pulsates
poetry, life, sound.**

**There pulsates fidelity, peace, health,
happiness,
There pulsates consciousness, silence,
love, and gratefulness.**



Come fold with us!
www.1milhaoDeTsurus.com.br
towards 144,000, then, 1 million tsurus.





Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 15 - Ano 8 - Nº 15 – 1º semestre/2020

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

7 – FOTOGRAFIA

Rosana Almeida*



<https://www.pinterest.co.uk/pin/803329652265851493/>

O Colecionador de fotografias do fantástico
Se esconde entre as ruas.
Navegam desde as nascentes dos rios.
Cultivam campos verdes.
Passeiam com anciões em trens pelo
deserto.

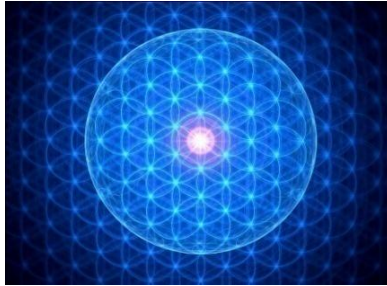
O Colecionador de fotografias do infinito
Anda em natureza etérea.
Desvenda histórias esquecidas
E contos de golfos e baías e
Navios e naufragos.

O Colecionador de fotografias do infinito
descansa no Vazio.
Beija amigos que partiram.
Repousa em camas de adornos,
De quartos coloridos,
Como naves.

O Colecionador de fotografias do infinito
- Mal parece um homem ou mulher.
Nada pode tocá-lo,
Nem mesmo os deuses.
Apenas dançam, dançam.

Nada o detém nem o faz passar.
Se lhe perguntam o que o move.
- Nada, nada, responde ou diz.

***Rosana Almeida** – baiana, é engenheira civil por formação. Realizou pesquisa na área de meio ambiente, como mestranda, na Universidade Federal de Pernambuco. A partir de 2003, desenvolveu trabalhos na área ambiental, na esfera pública. Escreveu artigos científicos nesta área, com interface com a Mecânica dos Solos. Poeta com várias premiações. Em 2014, participou do primeiro Concurso Literário nacional, sendo classificada com a poesia *Voar*. Em 2016, classificou-se em outro Concurso Literário, promovido pela Editora Vivara, e participou da Antologia *A Poética da Madrugada*, da Editora gaúcha Pragmatha. Em 2017, publicou em Revistas Literárias *Marinatambalo* e *Mallamargens*, sendo, então, em 2018, classificada no Concurso Literário UFG - Campos Catalão, com o poema intitulado *Elo*. Em 2018 lançou o livro *Circuitos de Solaris*, pela editora Pragmatha, do qual extraímos este poema. (71) 99309-4622.



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 15 - Ano 8 - Nº 15 – 1º semestre/2020

<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612

www.artezen.org

8 – DOR

Elisangela Andrade*



Tão objetiva e tão subjetiva a dor perpassa pela vida do sujeito de variadas formas, com toda complexidade que um tema possa ter.

Nestes anos de escuta, seja entre amigos, pacientes e familiares há uma peculiaridade em cada discurso acerca da dor. Nas suas variações decorrentes da história de cada indivíduo, a dor pode se apresentar como uma dor física, psicológica, social, espiritual ou, como bem descreveu Cicely Saunders¹, uma somatória de todas as outras, denominada de Dor Total.

Uma reflexão mais sensível acerca dessa temática ganha relevância na medida em que nos vemos imersos na aceleração da contemporaneidade, de modo que, ao correr contra o tempo, acabamos por tamponar nossas emoções. É o que Zygmung Bauman² reconhece como “mal-estar da pós-modernidade”. Nesse círculo não virtuoso, o “mal-estar” assume em nossas vidas com uma Dor subjetiva, sem uma justificativa aparente.

Nas reflexões acerca da dor, o que chama atenção é que, quando o ser humano a ignora e tenta racionalizar sua existência, passa a ficar mais distante de resolvê-la.

Fazemos o caminho inverso: em vez de procurarmos mergulhar, entender, compreender e acolher o problema da dor, terminamos negando-a para nós mesmos, escolhendo não a confrontar e a colocamos em lugares tão secretos que fica difícil de acessar.

Refletindo sobre várias razões que podemos encontrar acerca da Dor, uma é interessante pensar: a dor, muitas vezes, pode estar relacionada a uma não aceitação das coisas. Tudo que vai ao desencontro dos nossos desejos, causa uma imensa dor. Querer ter o controle de tudo, a sensação que tudo estar sob nosso domínio é o que desejamos, porém, constatamos que “não temos o controle de nada”, esse pensamento “irreal” é causador das dores mais profundas da alma.

Se pudéssemos colocar na vida um pensamento flexível, de continuarmos no movimento e na ação e flexionássemos o pensar acerca dos acontecimentos da vida, estaríamos eliminando muitos conflitos existenciais.

E como seria possível? Um exercício muito interessante é como se pudéssemos nos imaginar como espectadores das nossas

* **Elisangela Andrade** – Psicóloga Clínica (CRP 03/20114). (71) 99933-1632. elis.andradepsi@gmail.com

¹ SAUNDERS, Cicely. *Velai comigo*. Tradução Franklin Santana. Salvador: FSS, 2018

² BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998

próprias experiências e pudéssemos refletir acerca da cena vivida por nós mesmos. Qual reflexão ou sugestão você daria para aquele contexto?

Se atentando que essa reflexão estaria desprovida de qualquer juízo de valor, teríamos a oportunidade de poder olhar sob vários ângulos, possibilitando, assim, enxergar saídas nunca antes vistas.

Nos vários “pântanos” existenciais que passamos nunca podemos perder de vista

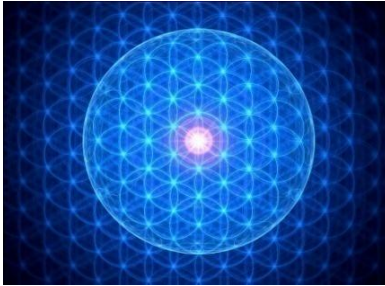
que sempre nos é dado uma “lâmparina” para nos guiar nessas difíceis caminhadas.

A dor possui uma força tremenda, um dos diversos caminhos existentes seria o de cuidar e de dar voz a ela, perguntar o porquê e para quê. Ter uma conversa íntima e assim, quando ela exaurir todas as suas razões, perderá a intensidade e força, dando lugar a um outro momento: de quietude, de paz e de ressignificação. É possível, sim. Basta acreditar!

Lâmparina



<http://talubrinandoescritoschapadadoarapari.blogspot.com/2014/02/o-encanto-das-lamparinas-de-nossa.html>



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 15 - Ano 8 - Nº 15 – 1º semestre/2020
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

9 – Haim

Peri Brandão*



Há em mim – cá entre nós – muitos,
 o caeté, o quilombola, o lusitano
 e mais o mouro e mais um outro e outro,
 cada qual pronto para um amor comum e único:

Como o absolutamente insuficiente sufi em transe
 abrindo meu ser totalmente a um sol tão alto e distante
 quanto aceso no interior de minha mente

E o hesicasta a anunciar com seu silêncio
 o Messias em si
 e em mim - matriz de meus loucos apelos pela Paz em pleno apocalipse

E o místico hassídico que ergue sua casa
 no chão rochoso de minha fé inquieta
 e prepara a festa para o que de ser vivente existe entre Céu e Terra.

E ainda há em minha alma
 o animal cuja pressa o canto acalma
 chamando a presa para a dança
 até tornar-se bem-aventurança o que era caça

*Peri Brandão – Médico, poeta, conferencista; membro da Comissão de Humanidades Médicas do Conselho Federal de Medicina; membro do Colégio Internacional de Terapeutas - CIT. (82) 99997-2892 peribrandao@uol.com.br

E o vegetal cuja firmeza a metáfora liberta
 enraizando nos céus sua tristeza
 até tornar-se asa o que era pétala

E o mineral cuja solidão a palavra pulverizou
 abrindo na rigidez do ser fresta, fissura, poro
 até tornar-se poema o que não seria mais que pó e horror

E há o angelical, o presente-por-vir, infinito íntimo -
 que o homem feito não vê, exceto em sonho sumindo -,
 nítido fluindo só aos olhos de um menino,
 mais que no lago o rosto perfeito de Narciso e mais lindo.

Ai de mim não fosse plural assim,
 não tivesse desse jeito singular tantas vidas: *haim!*

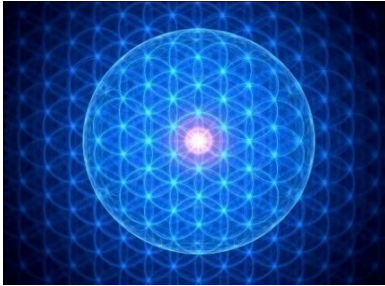
Amem-nas em mim e aí e além!

Amém!

Nota Explicativa do Autor:

Escrevi esse poema por ocasião da celebração dos 30 anos da UNIPAZ e dos 25 anos do CIT: seu título, "*Haim*", traz a palavra que no hebraico expressa a condição de singularidade plural da vida. A evidência paradoxal que seu significado exala tem, claro, profundas implicações teológicas, filosóficas, éticas, terapêuticas, pedagógicas e uma relação profunda com a tradição de Fílon, dos terapeutas de Alexandria e da antropologia quadridimensional. Inspira-nos o cuidado de lançar um olhar integral sobre a complexidade e unidiversidade da vida, perspectiva tanto mais essencial e urgente quanto mais a intolerância, o fundamentalismo religioso, o sectarismo político, o reducionismo científico ameaçam a convivialidade e a paz mundial.

Imagem extraída do blog: <https://cavalo-de-vento.blogspot.com/2017/10/as-multiplas-dimensoes-do-ser-humano.html>



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 15 - Ano 8 - Nº 15 – 1º semestre/2020
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

10 – ABRAÇO DO AMADO



<http://www.aasci.org.br/home/2017/12/sao-joao-da-cruz/>

São João da Cruz*

Em seu íntimo o Esposo secretamente
 habita,
 por ser no ponto mais profundo da
 substância da alma,
 como já explicamos,
 que se realiza este doce abraço.
 Convém saber que Deus
 habita escondido e silencioso
 dentro da substância de todas as almas;
 se assim não fora,
 não poderiam elas permanecer com vida.
 Há, porém, diferença,
 e muito grande, no modo desta morada.
 Em algumas mora sozinho,
 e em outras não;
 em umas, habita contente;
 em outras, descontente;
 naquelas, mora com em sua casa,
 governando e regendo tudo;
 nestas, mora como estranho em casa alheia
 onde não deixam mandar nem fazer coisa
 alguma.

A alma em que moram menos apetites e
 gostos próprios,
 esta é onde o Esposo mora mais só e mais
 satisfeito,
 e mais como em sua própria casa,
 regendo-a e governando-a.
 E tanto mais secretamente mora,
 quanto mais está só.
 Assim, nesta alma que já não abriga
 dentro de si apetite algum, nem figuras e
 formas,
 ou afetos de quaisquer criaturas,
 aí reside o Amado mui secretamente,
 e o seu abraço é tanto mais íntimo,
 interior e apertado,
 quanto mais pura e solitária
 se acha ela de tudo que não é Deus.

(Extraído do livro *San Juan de La Cruz o Poeta de Deus*. Ensaio crítico e tradução Patrício Sciadini OCD. São Paulo: Palas Athena, 1989)

* **São João da Cruz** – (Fontiveros, 24 de Junho de 1542 - Úbeda, 14 de Dezembro de 1591). Frade carmelita espanhol, reformador da Ordem Carmelita, sendo considerado, juntamente com Santa Teresa de Ávila, o fundador dos Carmelitas Descalços. Seus livros são consideradas o ápice da literatura mística e se destacam entre as grandes obras da literatura espanhola. Os mais célebres são *Cântico Espiritual*, *A Noite Escura da Alma* e *Ascensão do Monte Carmelo*. Foi canonizado em 1726 por Bento XIII. Estudou teologia e filosofia na Universidade de Salamanca e no Colégio de San Andrés.